

Universidade de Brasília – UNB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Serviço Social – SER

Valéria de Melo Macêdo

AS RELAÇÕES CONTRADITÓRIAS NO CAPITAL: O movimento punk brasiliense e os
imbricamentos com a Segurança Alimentar e Nutricional.

Brasília
2018

Valéria de Melo Macêdo

AS RELAÇÕES CONTRADITÓRIAS NO CAPITAL: O movimento punk e os imbricamentos com a Segurança Alimentar e Nutricional.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.
Orientador: Prof. Dr. Newton Narciso Gomes Júnior.

Brasília
2018

Valéria de Melo Macêdo

AS RELAÇÕES CONTRADITÓRIAS NO CAPITAL: O movimento punk e os imbricamentos com a Segurança Alimentar e Nutricional.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.. Dr Newton Narciso Gomes Junior

Prof.Dr. Cristiano Guedes de Souza

Mestre Léo Pimentel Souto

Brasília
2018

Dedicado ao meu fiel companheiro Milu e às duas figuras femininas representativas na minha trajetória: Maria Auxiliadora , minha mãe, e minha mãe-avó, Edna Maria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Orientador o Prof. Dr^o Newton Narciso Gomes Júnior que me acompanhou nessa extensa trajetória de conclusão de curso e que esteve presente em muitos momentos confusos desse percurso. Aos componentes da banca examinadora: Prof. Dr. Cristiano Guedes e Mestre Léo Pimentel Souto pela disponibilidade em compartilhar desse momento da minha formação, contribuindo significativamente no meu processo de aprendizagem.

Às professoras que me inspiraram e me incentivaram durante esse processo de formação: Prof^a. Dr^a Miriam de Souza Leão Albuquerque, Prof.^a Dr^a Sandra Oliveira Teixeira e Prof.^a Dr^a Camila Potyara Pereira. Ao corpo técnico da UnB, do qual destaco o servidor lotado na secretaria de graduação, assistente administrativo, Alexandre Pires pela sua disponibilidade e presteza em solucionar as demandas a ele apresentadas.

Às amigas de curso que me acompanharam nessa trajetória e que se tornaram companheiras para além do espaço acadêmico: Raianny Mara, Darc Lene Braga Pereira, Paula Braz, Iolanda Novaes e Jozele Maria.

Agradeço à Luiza Alessandra Pessoa, Mestre em Política Social pela UnB, Especialista em Saúde - Assistente Social - do quadro efetivo de servidores da SES- DF, pela amizade, paciência, compreensão e disponibilidade na construção da minha formação no período de preceptoria de Estágio Supervisionado em Serviço Social.

Agradeço também aos poucos colegas de trabalho que a sua maneira, contribuíram para que fosse possível minha realização pessoal e profissional no âmbito acadêmico; destaco Patrícia Resende Martin pela amizade e compreensão deste momento atribulado.

Agradeço aos meus familiares que, de alguma maneira, tenham contribuído para minha formação e, em especial, às duas figuras femininas mais representativas em minha história: minha mãe, Maria Auxiliadora, que sempre me apoiou e me motivou desde meus projetos mais malsucedidos até os mais bem aproveitados, e minha mãe-avó, Edna Maria, que mesmo não tendo escolaridade suficiente para entender as dimensões da vida acadêmica fez seu esforço para compreender e apoiar essa caminhada. Ao meu companheiro de vida Ronaldo Oliveira, pela solidariedade em todos os momentos da minha caminhada acadêmica e no meu embaralhado cotidiano, sempre me motivando e dispondo -se a contribuir à sua maneira para minha realização pessoal e profissional.

Expresso aqui a minha gratidão aos poucos amigos de caminhada: Camila Felix, Emanuelle Melo, Clóvis Montanha, Hélio de Souza e Monique Rodrigues – que compreenderam esse desgastante processo e me possibilitaram o espaço que eu necessitava e a Sandra Nascimento pela disponibilidade e ajuda na reta final deste trabalho.

Por fim, agradeço aos amigos que cooperaram com materiais e suas narrativas de vida para a possibilidade da escrita desse material e destaco a contribuição dos amigos: Renato Laurs Junior, Léo Pimentel e Adriano Pereira, pelo apoio documental na construção de uma identidade acadêmica que pudesse fazer uma breve e inacabada leitura do movimento punk.

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica tem como tema os imbricamentos entre a alimentação e o movimento punk, focando sobretudo na região administrativas do Gama-DF. Objetiva investigar os padrões de alimentação desses grupos sociais, buscando identificar quando e de que forma essa alimentação se dá nos espaços coletivos e privados; para tal, utiliza conversas com integrantes do movimento punk do Gama e também levantamento bibliográfico acerca do movimento punk e da segurança alimentar e nutricional. O estudo está dividido em três capítulos: o primeiro aborda o movimento punk e suas origens, assim como a introdução a discussão acerca do movimento punk brasileiro estabelecendo um breve resgate. O segundo capítulo aborda o tema da alimentação, focando na busca por uma construção de uma cultura e uma identidade alimentar, assim como na formação para um diálogo sobre segurança alimentar e nutricional. O terceiro capítulo retoma a discussão inicial sobre a alimentação e o movimento punk apresentando alguns pontos necessários para a análise das relações contraditórias que se estabelecem entre esses e o sistema capitalista e a segurança alimentar e nutricional, uma vez que, mesmo havendo forte intenção de ruptura com esse sistema, muitas amarras permanecem de modo a desafiar o movimento a cada instante pela busca de novos mecanismos que possibilitem o enfrentamento a essa questão

Palavras-Chave: Alimentação. Segurança Alimentar e Nutricional. Punk.

ABSTRACT

This is a bibliographical research on the interrelationships between feeding and the Brazilian punk movement, limited to the city of Gama-DF. The main goal of this study is to investigate the patterns of food consumption by punk groups, identifying how and when this feeding happens in public and private spaces. To attain this goal, this research uses conversations with punk movement members living in Gama city, and bibliographical research on punk movement and on nutritional security. This study has three parts: the first chapter tackles the punk movement and its origins, as well as an introduction to the discussion of the punk movement in Brasilia city. The second chapter deals with feeding issues, focusing on a cultural and identity construction and a dialogue on nutrition and food security. The third chapter brings back the initial discussion on the relationship between feeding and the punk movement, presenting some critical topics to the study, pointing the contradictions revealed by the analysis of the relationships between capitalism, the nutrition security and the punk movement. Even with a strong intention to break the system, there are many challenges to the punk movement to find new ways to deal with it.

Key Words: Feeding. Food and Nutrition Security. Punk.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** – Resultado da avaliação do risco agudo, **p.40**
- Tabela 2** – Exportações Agrícolas no DF, **p.41**
- Tabela 3** – Importações Agrícolas no DF, **p.42**
- Tabela 4** – Alimentos comercializados na CEASA de grandes capitais em 2011, **p.42**
- Tabela 5** – Volume de alimentos comercializados na Ceasa/DF por estado, **p.43**
- Tabela 6** – População em extrema pobreza nas grandes capitais em 2010, **p.43**
- Tabela 7** – Gasto mensal e tempo de trabalho para comprar cesta básica (12/2011), **p.44**
- Tabela 8** – Aquisição alimentar domiciliar no DF *per capita* anual, por produto, **p.45**
- Tabela 9** – Aquisição alimentar domiciliar *per capita* anual, por áreas urbanas, **p.46**
- Tabela 10** – Nível de instrução da população >10 anos nas principais regiões do Brasil, **p. 48**
- Tabela 11** – Taxa de alfabetização nas grandes capitais, **p.48**
- Tabela 12** – Evolução de Indicadores Socioeconômicos do Gama 2011/2013/2015, **p.49**
- Tabela 13** – Nível de escolaridade da população do Gama – DF, **p.50**
- Tabela 14** – Ocupação da população do Gama – DF, **p.51**
- Tabela 15** – Setores de atividade remunerada da população do Gama – DF, **p.51**
- Tabela 16** – Acesso à água nos domicílios do Gama – DF, **p.52**
- Tabela 17** – Acesso à energia elétrica nos domicílios do Gama-DF, **p.52**
- Tabela 18** – Acesso ao esgotamento sanitário nos domicílios do Gama-DF, **p.52**

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gasto mensal com cesta básica no DF (em reais), **p.44**

Gráfico 2 – Segurança alimentar e nutricional nos domicílios particulares do DF, **p.46**

Gráfico 3 – Percentual de crianças desnutridas ao nascer no DF, **p.47**

Gráfico 4 – Taxa de mortalidade infantil, **p. 47**

Gráfico 5 – Percentual de crianças até quatro meses de idade com aleitamento materno exclusivo no DF, **p.47**

Gráfico 6 – Nível de instrução das pessoas maiores de 10 anos no DF, **p.48**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CAISAN-DF – Câmara Intersetorial de Segurança Alimentar e Nutricional

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

CEASA-DF – Central de Abastecimento do Distrito Federal

CONSEA-DF – Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DHAA – Direito Humano à Alimentação Adequada

IA – Insegurança Alimentar

ICV – Índice de Custo de Vida

JK – Juscelino Kubitschek

LOSAN – Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional

LSD – Dietilamida do Ácido Lisérgico

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

PARA – Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio

PIDESC – Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais

PNMQSA – Programa Nacional de Monitoramento da Qualidade Sanitária de Alimentos

PNSAN – Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

RA – Região Administrativa

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

SISAN – Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CAPÍTULO I	14
1.1. Uma nova sociabilidade: as origens do movimento punk	15
1.2. O movimento punk no Brasil	17
1.3. A manifestação do punk brasileiro e suas particularidades	21
2. CAPÍTULO II	26
2.1. A construção de uma cultura e uma identidade alimentar	26
2.2. A formação para um diálogo sobre a segurança alimentar e nutricional	32
2.3. Questões pertinentes a segurança alimentar e nutricional no Distrito Federal	40
3. CAPÍTULO III	59
3.1. O movimento punk brasileiro e os imbricamentos com a segurança alimentar e nutricional ..	59
3.2. O movimento punk e as relações contraditórias no capital	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	74
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata dos imbricamentos entre a alimentação e o movimento punk, tendo como foco para este estudo a região administrativas do Gama e objetiva analisar os padrões de alimentação desses grupos, buscando identificar como, quando e de que forma essa alimentação se dá nos espaços coletivos e privados. Para tanto, foi necessário um levantamento bibliográfico – realizado entre os meses de julho de 2016 e novembro de 2017 – com o objetivo coletar dados para compor esta pesquisa: focando na alimentação, segurança alimentar e nutricional dentre os diversos agrupamentos punks do Gama.

Além da pesquisa bibliográfica – que buscou aproximar os estudos e pesquisas acadêmicas que tratam sobre o movimento punk, procurando construir uma problematização que se aproximasse da realidade que se manifesta nos grupos e subgrupos urbanos que se espalham pela cidade – este trabalho também dispôs de algumas conversas informais com alguns indivíduos pertencentes aos mais variados grupos punks que se espalham na cidade.

Foram utilizados os cuidados éticos necessários para a construção deste estudo, levando em consideração que "as práticas éticas envolvem muito mais do que apenas seguir um conjunto de diretrizes estáticas, como aquelas proporcionadas pelas associações profissionais", (Creswell, 2010), sendo necessário, para tanto, que a pesquisa tivesse um direcionamento centrado na resolubilidade de empecilhos que viessem comprometer seu andamento e a confiabilidade dos dados.

O estudo está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo será abordada a totalidade do movimento punk e suas origens, assim como a introdução a discussão acerca do movimento punk brasileiro estabelecendo um breve resgate histórico proveniente da relação que se pretende construir entre o punk e o ato de comer.

No segundo capítulo o tema da alimentação passa a compor pesquisa a partir de uma busca por uma construção de uma cultura e uma identidade alimentar, assim como a formação para um diálogo sobre segurança alimentar e nutricional.

Finalmente, no terceiro capítulo é retomada a discussão inicial sobre a alimentação e o movimento punk apresentando alguns pontos necessários para a análise das relações contraditórias que se estabelecem entre esses e o sistema capitalista e a segurança alimentar e nutricional, uma vez que, mesmo havendo forte intenção de ruptura com esse sistema, muitas amarras permanecem de modo a desafiar o movimento a cada instante pela busca de novos mecanismos que possibilitem o enfrentamento a essa questão.

1. CAPÍTULO I

O movimento punk no Brasil e no mundo tem como marco inicial meados da década de setenta, com o surgimento de grupos e indivíduos que buscavam uma ruptura com as normativas sociais pré-estabelecidas e com o modelo capitalista instituído, um dos frutos da apatia generalizada diante das problemáticas sociais existentes daquele período. O “faça você mesmo” surge para esses grupos e indivíduos como alento, uma construção social alternativa aos mecanismos já existentes, estas produções autônomas acabaram se tornando cada vez mais frequentes e direcionadas à ruptura com o mercado de consumo orientado pelo capital. Quatro décadas se passaram e esse movimento, ainda incompreendido pela sociedade, permanece sendo descrito de forma estereotipada e depreciativa numa tentativa de atrelar as raízes do punk a um ideário juvenil esvaziado e inconsequente.

As alternativas de transgressão com o sistema capitalista acabam sendo construídas em vários aspectos da vida punk, seja nas demandas relativas à moradia, educação, acesso ao mercado de trabalho ou outras necessidades igualmente basilares. A questão alimentar ainda tende a ser refletida e construída dentro do meio punk de forma muito incipiente, no entanto, a irrupção de algumas tentativas de supressão das práticas convencionais de mercado que privilegiam o lucro em detrimento de um alimento seguro e de qualidade já estão sendo cada vez mais vivenciadas em alguns espaços como forma de resistência ao modelo de consumo capitalista pré-estabelecido – que tem na exploração do trabalho humano, dos animais e no uso não sustentável do meio ambiente seus princípios estruturais, fazendo com que o tema da alimentação dentro do movimento punk seja um valioso e ainda pouco explorado objeto de estudo.

A inserção do punk na sociedade acontece de maneira difusa, dificultando assim a problematização e análise de suas potencialidades e é nessa perspectiva que este estudo tem como objetivo analisar quais são os padrões de alimentação desses grupos, buscando identificar como, quando e de que forma essa alimentação se dá nos espaços coletivos e privados tendo Brasília e algumas de suas regiões administrativas como foco. Este estudo realizou um primeiro levantamento bibliográfico sobre as condições de segurança alimentar e nutricional e

insegurança alimentar entre os diversos agrupamentos punks que se formam pelas cidades. Assim, antes de tudo, a pesquisa apresenta o movimento punk no tópico a seguir.

1.1. Uma nova sociabilidade: as origens do movimento punk

Por se tratar de um segmento que carrega em suas origens a tentativa de ruptura com o sistema capitalista e seus desdobramentos através da negativa e da insubordinação aos modelos sociais, políticos e econômicos historicamente estabelecidos, o punk nada mais é do que um modo de vida que se pretende contestador, transformador e combativo, se posicionando de maneira a buscar a consolidação de uma proposta de sociabilidade que tem o seu principal direcionamento no processo de construção da autonomia e da autogestão.

O punk como expressão de uma ruptura estética, musical, social e política se organiza, ainda no final dos anos 70, marcadamente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Bivar (2001) traz um panorama histórico em relação aos principais acontecimentos que antecederam o surgimento do punk traçando uma série de circunstâncias que contribuíram para sua formação: períodos de crise do capital, pós-guerra, entre outros. O autor traz em sua análise a relevância dos episódios que ocorreram nas décadas que precedem a explosão do movimento punk no mundo: os anos 50 com o rock'n'roll¹ e o movimento beat², o boom da geração hippie que incorporou a cultura beat, o rock e o LSD nos anos 60, e finalmente uma análise sobre os eventos advindos do final dos anos 70, em especial na Inglaterra, precursora do movimento punk. Bivar referenda sua análise explicitando as ponderações de P. Mark ao destacar:

O punk não é uma moda louca, é a realidade. Se as pessoas estão com medo do punk, a culpa é delas, porque elas não entendem a vida. A vida diz respeito ao concreto, ao fundo do poço, gente patética, aborrecida, e um índice de desemprego mais alto que nunca. O punk está ajudando a garotada a pensar. É disto que todo mundo tem medo, porque existem muitos garotos pensando, atualmente. O punk reflete a vida como ela é, nos apartamentos desconfortáveis dos bairros pobres, e não o mundo de fantasia e alienação que é o que a maioria dos artistas criam. É verdade, o punk destruirá, mas não será uma destruição irracional. O que o punk destruir será depois reerguido com honestidade. (PERRY apud BIVAR, 2001, p.59).

¹ Estilo musical surgido nos Estados Unidos no início dos anos 50, com raízes na música country, blues, R&B e música gospel e rapidamente se espalhou para o resto do mundo.

² Assimilados pelo movimento hippie nos anos 60. “A postura beat tinha muito de existencialista. Jovens letrados da classe média, baixa e alta querendo tudo que fugisse dos rigores escola- família- futuro- vida doméstica”. (Bivar, 2001, p.14).

O punk é uma contracultura³ bastante diversificada e constituída por vários subgrupos dentro do próprio movimento, possibilitando assim o agrupamento dos indivíduos a partir da confluência de suas afinidades para o desenvolvimento de suas potencialidades. Entretanto, esses grupos acabam convergindo para uma pauta homogênea quando se trata da contestação às estruturas do sistema capitalista e a necessidade de quebra das padronizações sociais vigentes. Os punks são propositivos em sua intenção de ruptura com as estruturas do capital e, por isso, ainda que esta intenção esteja sendo colocada em prática de maneira muito limitada, é importante ressaltar os focos de resistência que se multiplicam cotidianamente devido à própria condição em que o punk se encontra nessa estrutura dominante do capital.

No que diz respeito às indagações que envolvem a alimentação, seja pela necessidade da manutenção da sobrevivência, ou pela ação revolucionária intrínseca na produção do alimento, no seu preparo e nas relações comensais, fazem com que diferentes abordagens sejam desenvolvidas dentro do contexto punk. Vários grupos e indivíduos pertencentes ao punk demonstram uma preocupação particular em relação à alimentação, tanto do ponto de vista da manutenção da saúde, da qualidade e segurança dos alimentos consumidos, quanto da exploração dos seres humanos e animais e do uso sustentável do meio ambiente na produção de alimentos.

Embora uma grande parte dos punks busquem a todo momento uma construção de negação dessa sociedade de classes erguida sobre as desigualdades sociais, a superação efetiva desse modo de produção ainda se mantém bastante fragmentada. Ainda que haja resistências e tentativas de supressão do Estado e do desenvolvimento de uma vida autônoma, o fato de estarmos inseridos numa lógica de direitos que se realizam através da estrutura do Estado fazem com que sejam demandados vários limites na intencionalidade da luta autônoma. Embora as iniciativas libertárias estejam engajadas na luta pelo desprendimento das estruturas estatais, grande parte das demandas necessárias numa construção social continua sendo contraditoriamente tratadas pelo Estado. As políticas públicas⁴ no Brasil são voltadas a todos

³ De acordo com Pereira, 1986, esse termo foi inventado pela imprensa norte-americana, ainda nos anos 60, para designar novas manifestações culturais que tinham como característica a oposição à cultura vigente e oficializada pelas instituições nas sociedades ocidentais. Contracultura é a cultura marginal. Sobre isso: PEREIRA. **O que é ContraCultura**. 1986.

⁴ É um instrumento de garantia de direitos que se materializa através de programas, diretrizes, princípios, projetos, serviços, benefícios que visam a atender as demandas da população ou grupos específicos. Suas principais características são: financiamento regular, controle e participação social/ democrática, primazia da participação do Estado. (PEREIRA, 2011, p.163-179)

os segmentos populacionais e ainda que o acesso à algumas dessas seja focalizadas e detentoras de condicionalidades, esse mecanismo estatal tem contribuído, ainda que de forma bastante insuficiente, para a tentativa de redução das desigualdades sociais.

Apesar das dificuldades e limites encontrados por boa parte dos indivíduos envolvidos com a contracultura punk na efetivação de uma vivência construída com vistas a uma autonomia plena, as pequenas lutas e a busca por um modo de vida que supere a dinâmica do capital se mantêm. As relações entre o punk e o Estado se dão de maneira contraditória e embora haja uma forte oposição ao Estado, muitas políticas acabam sendo utilizadas tendo em vista que a dominação do capital acaba sendo determinante para o reforço dessa relação contraditória.

Em se tratando do contexto alimentar como uma das expressões em que o punk vem se apropriando com o passar dos anos, podemos destacar a banda/coletivo punk inglês CRASS⁵ como precursora de questionamentos relativos ao ambientalismo e às causas ecológicas ainda no final da década de 70. Sobre estas questões, Bayard (2005 apud O'HARA, 2007) afirma que:

Os vegetarianos eram hippies e não punks (exceto o Crass). Hoje o vegetarianismo e o veganismo⁶ é importante para o punk moderno em vários círculos, seja ele straight edge⁷, ambientalista hippycore ou da crescente cena crusty punk⁸. Esse fenômeno positivo não existia no começo dos anos 80, muito menos nos anos 70. Naquela época muitos seguiam a dieta JFA (Jody Foster's Army) a base de Coca-Cola e Snickers” (BAYARD, 2005 apud O'Hara, 2007, p.02).

Assim, percebe-se que as demandas que envolvem a segurança e insegurança alimentar, bem como suas expressões, originaram assimilações inicialmente de forma muito incipiente dentro do contexto do punk, como bem identifica Marc Bayard em sua introdução ao livro escrito por Craig O'Hara, *A Filosofia do Punk*, ao abordar o cotidiano da cena punk nos Estados Unidos na citação acima.

1.2. O movimento punk no Brasil

As expressões mais marcantes do movimento punk no Brasil ocorreram no final dos

⁵ Banda/ coletivo punk inglês formado em 1977.

⁶ Os chamados *vegans* não consomem nenhum tipo de produto animal, incluindo laticínios ou ovos.

⁷ Em 1981, a banda *Minor Threat* lançou uma música chamada “*Straight Edge*” que iniciou um movimento dentro da cena punk com o intuito de difundir uma mensagem positiva e livre do consumo de drogas e álcool. Para mais informações: O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk**: mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2007.

⁸ É um termo utilizado para designar o punk adepto de um estilo musical derivado do *hardcore* (que tem uma forte agressividade musical, além do seu caráter político e crítico das letras).

anos setenta e início dos anos oitenta, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, se alastrando posteriormente para outras regiões do Brasil. Bivar (2001), ao analisar os fatos que antecedem o punk no Brasil, o faz a partir dos vários acontecimentos que influenciaram sua dinâmica, dessa forma, a trajetória é construída a partir da conjuntura histórica perpassada pelos aspectos políticos, econômicos e sociais que marcaram o país.

Agora o ano é 1973 e estamos no Brasil, período pré Geisel (o então próximo presidente acaba de sair na capa da revista Veja e, pelo visual, um close dele, ninguém sabe o que esperar do que está para vir. O clima é de pessimismo. É o primeiro ano da crise. Se em 1970 e nos anos seguintes as coisas por aqui correram por conta do entusiasmo causado pelo “milagre” (a taça Jules Rimet sendo finalmente nossa e já fazendo parte do tesouro nacional; e o resto do mundo se curvando ante Pelé etc...), em 73 esse sonho também dançara e não há milagre que nos tire do poço. (BIVAR, 2001, p. 30-31).

Dos anos 60 ao final dos anos 80, 1964 a 1985, especificamente, foi um período marcado pelas perseguições do regime civil militar que incitava processos repressivos aos que esboçaram qualquer tipo de resistência ou luta contra o processo ditatorial que aqui se instalava. Nos anos que antecederam o golpe, o país enfrentava uma crise econômica causada pelo aumento desenfreado da inflação e, apesar da pressão popular que exigia reformas na política brasileira, o avanço do golpe se dava a partir da articulação de diversos setores da classe dominante, militares, entre outros, aliado a uma construção ideológica de ameaça comunista com forte aparato midiático.

Os movimentos sociais avançavam em organização e atuação nas diversas frentes, criando várias novas entidades ou reforçando as já existentes. No campo e na cidade, entre os intelectuais, operários, soldados, marinheiros, estudantes e também em frentes amplas, que congregavam várias entidades ao mesmo tempo, como a Frente de Mobilização Popular- FMP- criada em 1962, a articulação e pressão exigindo reformas profundas ganhava corpo e também as ruas. (BARROS, 2011, p. 11).

Após a tomada de poder, os militares se mantiveram nas posições de liderança sob o apelo da segurança nacional em substituição a defesa pela democracia. Barros (2011) afirma que “em suma, os primeiros anos da ditadura representaram, no campo econômico, a afirmação da parceria entre estado e capital monopolista, preparando o terreno para o forte crescimento econômico iniciado no final da década de 1960, num processo constante de concentração de renda”. No que diz respeito a área rural, a reforma agrária da ditadura produziu efeitos devastadores sobre os trabalhadores do campo e em suas relações trabalhistas. Nas cidades, o

crescente barateamento da força de trabalho, a estagnação dos salários, a instalação de grandes multinacionais e o forte aparato repressivo fizeram com que o movimento operário e sindical fosse silenciado.

Ainda no final dos anos 70, já se esboçava no Brasil um movimento de contracultura que ainda não se entendia enquanto punk, mas que já se comportava e se desenvolvia à luz do que viria ser o punk nas décadas seguintes. Embora chegassem ao Brasil informações sobre o cenário punk mundial ainda na década de 70, a configuração que vai se difundir e propagar o punk, se dá de fato no início da década de 80 com o surgimento de grupos que se apoiam tanto nos ideais políticos próprios do punk, quanto na sua antiestética visual e que afrontam diretamente a levada conservadora dos jeans e camisetas gola polo que já se manifestava em alguma medida nos subúrbios paulistanos, além da musicalidade agressiva própria desse grupo.

Uma das crises do capital se origina ainda no anos 70 com o esgotamento do capitalismo maduro⁹ a partir do que Mandel irá chamar de crises de onda longa, ou seja, são crises que duram mais ou menos 50 anos, um tipo de crise estrutural, diferente das crises de onda curta que são as chamadas crises cíclicas, ainda que esta sofra determinações da crise estrutural, num movimento desigual e combinado da própria dinâmica capitalista.

Em 1974, começam a transparecer as primeiras fissuras e sinais de esgotamento do projeto tecnocrático e modernizador- conservador do regime, em função dos impactos da economia internacional, restringindo o fluxo de capitais, e também dos limites internos. Os anos subsequentes serão marcados pela distensão, pela abertura lenta e gradual do regime, num processo de transição para a democracia que irá condicionar em muito a adesão brasileira às orientações conservadoras neoliberais, já em curso no nível mundial, implicando o caráter tardio da adesão brasileira ao neoliberalismo¹⁰. (BEHRING; BOSCHETTI, 2011, p. 137-138).

O punk enquanto identidade contracultural se apresenta na última década de ditadura civil militar no Brasil num contexto social, econômico e político impregnado de cerceamento dos direitos e da liberdade. Como expressão dessa dinâmica social é que se percebe, nos subúrbios das grandes cidades, uma massa de jovens despossuídos de todas as formas de

⁹ De acordo com o conceito mandeliano “é uma referência ao desenvolvimento pleno das possibilidades do capital, considerando esgotado seu papel civilizatório”. Para mais informações: BEHRING; BOSCHETTI, **Política Social: fundamentos e História**. São Paulo: Cortez, 2011, p.113).

¹⁰ Na América Latina, a ideologia neoliberal teve por consequências o enfraquecimento do estado e o discurso de que tudo que é público é ineficiente e corrupto, ao contrário da iniciativa privada que aparece como sinônimo de eficiência e “austeridade”. (FECHINE; ROCHA; CUNHA, 2014).

sociabilidade e que tem nas iniquidades, no desemprego, na opressão e nas desigualdades sociais seu principal combustível de revolta. O sentimento de revolta passa a ser denunciado através das músicas, na vestimenta, no comportamento violento de uma juventude sem perspectivas, sem aparato social, sobreviventes de condições sub-humanas e que agora se manifestam contra o Estado e a sociedade toda a sua revolta incontida.

A arte é uma das expressões utilizadas para expressar o sentimento de desesperança que assola essa juventude e é através da música que passam a evidenciar e denunciar os traços que marcaram a nossa formação social e econômica, expressas nas relações entre miséria e fome, no êxodo rural e na favelização das grandes cidades, que passam a receber contingentes cada vez maiores de populações em busca de manutenção da vida nos grandes centros urbanos.

A contracultura punk se engendra nas distintas classes de renda e de trabalho, destacando em sua maioria jovens desempregados ou possuidores de subempregos, residentes das favelas ou periferias das cidades, privados de acesso a serviços básicos de saúde, educação, alimentação, momentos de cultura e lazer, entre outras necessidades que lhe são negadas. Fazem parte de um exército industrial de reserva¹¹ fomentado pelo capital que busca cada vez mais alimentar a máquina da produção barateando a força de trabalho a níveis sub humanos, promovendo sobremaneira as desigualdades sociais já existentes.

O movimento punk brasileiro, no que diz respeito à alimentação, vem obtendo algumas experiências expressivas na tentativa de desorganização da lógica de consumo alimentar imposta pelo capital, a partir de vivências que reflitam sobre essa realidade possibilidades de mudança de hábitos e a consciência crítica presente nas relações com a comida. A Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa", por exemplo, um espaço anarquista e de vivências de práticas libertárias, um espaço político aberto e autogerido há 10 anos, localizada na cidade de São Paulo, ABC, composto por indivíduos que possuem conhecimentos de saberes diversos que são geridos e distribuídos coletivamente para fundamentar uma autonomia social e que tem sido uma importante experiência de potencial auto gestor, contribuindo de maneira significativa com a comunidade local, assim como ponto de referência. Nota-se, portanto, que há muitas vivências punks que se pretendem anarquistas e libertárias.

A importância de se refletir sobre o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional

¹¹ A existência de uma reserva de força de trabalho desempregada e parcialmente empregada é uma característica inerente a sociedade capitalista, criada e reproduzida diretamente pela própria acumulação do capital, a que Marx chamou exército de reserva do trabalho ou exército industrial de reserva. (MARX, 2011, v. II; p. 735).

(SAN)¹² e seu direcionamento associado à quantidade e qualidade dos alimentos, de forma permanente e em quantidade suficientes, assim com a discussão de uma possibilidade concreta de acesso a esses alimentos e a importância da construção de uma SAN que seja de fato para todos, se faz presente também nesse espaço marginalizado. As políticas sociais que envolvem o conceito de SAN estão, em sua grande maioria, voltadas ao combate de uma situação específica de Insegurança Alimentar (IA) muito mais do que ao reforço da SAN em si, minando com isso políticas focalizadas e assistencialistas no combate a IA e combatendo as consequências ao invés de combater as causas.

Os números alargados das mazelas sociais do Brasil, provocadas pelo persistente predomínio da mais profunda injustiça social ao longo de décadas, quase que inevitavelmente conferem às análises e proposições sobre as formas de enfrentar tal ignomínia um caráter de urgência que, contrariamente ao que seria de se esperar, não orienta a ação para a superação ou, pelo menos, para o controle das causas responsáveis por tal situação. Em vez disso, com frequência os programas e as iniciativas sob a responsabilidade do Estado ou da sociedade civil enveredam para o ataque às consequências mais visíveis, mais imediatas, que nem sempre são as mais importantes. (GOMES JUNIOR, 2015, p. 43).

1.3. A manifestação do punk brasileiro e suas particularidades

O movimento punk na cidade de Brasília surge ainda no final dos anos 70, assim como ocorre no Rio de Janeiro e São Paulo, no entanto, o fato desse movimento estar inserido na capital federal fez com que as potencialidades aqui apresentadas fossem questionadas e, em alguma medida, até mesmo deslegitimadas por punks de outros Estados, por entenderem que as condições materiais de sobrevivência da população brasileira são diferenciadas daquelas que habitualmente o movimento punk compunha.

Brasília se realiza no slogan de uma campanha presidencial: “Cinquenta anos em Cinco” do então candidato Juscelino Kubitschek, em 1955, que afirmava ser possível um acelerado desenvolvimento industrial no país com o incentivo de investimentos nacionais e estrangeiros, sobrepujando o mercado subdesenvolvimento e as desigualdades sociais existentes no país. Com a vitória de JK nas eleições, a cidade de Brasília passa a ser uma das prioridades de seu

¹² SAN- Segurança Alimentar e Nutricional: “direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. Para mais informações ver CONSEA: <http://www4.planalto.gov.br/consea/acesso-a-informacao/institucional/conceitos>

governo que, apesar de enfrentar dificuldades para sua realização, acaba sendo inaugurada em 21 de abril de 1960.

Sonhada por dois séculos, a criação de Brasília – inaugurada no dia 21 de abril de 1960 – começou com projetos esboçados desde o período colonial. No século 18 o governo português já cogitava a possibilidade de transferir a capital do Brasil para o interior – medida que foi defendida em outros momentos históricos. Em 1892, a proposta começou a se consolidar, quando o então presidente Floriano Peixoto determinou que uma comissão de cientistas explorasse o Planalto Central e demarcasse a área que seria destinada ao Distrito Federal. A Comissão Exploradora do Planalto Central, composta por 21 pessoas e chefiada pelo astrônomo e geógrafo belga Louis Ferdinand Cruls – conhecida como Missão Cruls –, demarcou uma área de 14.400 Km², considerada adequada para a futura capital, que ficou conhecida como “Quadrilátero Cruls”. A partir daí a construção de Brasília foi ganhando corpo em diversos momentos históricos, culminando com sua inauguração, pelo presidente Juscelino Kubitschek, até ser tombada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio histórico e cultural da humanidade, em 1987. (PONTUAL, Agência Senado Federal).

O ideário de riqueza e ascensão social e econômica sempre estiveram presentes nas narrativas que descrevem Brasília, seja antes ou após a sua construção. Uma cidade marcada pela exploração do trabalho e pela quimera de uma mudança de vida que só seria possível realizar-se aqui. Após a sua inauguração, os trabalhadores, que vieram de diversas partes do país e que efetivamente construíram a nova capital, foram removidos de maneira impositiva para outras localidades distantes de Brasília, abrindo espaço para o surgimento das periferias ou *idades satélites* como são comumente conhecidas. As dificuldades que inicialmente motivaram a emigração desses trabalhadores se agudizam aqui após o período da construção e os dias melhores não chegaram para todos.

No momento da construção de Brasília, já se presencia uma seletivização espacial, pois o Plano Piloto, desde o início, caracterizava-se como o espaço urbano destinado ao funcionalismo público federal e à pequena burguesia, enquanto as cidades satélites eram formadas a partir da pressão exercida pela população migrante dos trabalhadores menos qualificados (ligados sobretudo à construção civil), que possuíam como perspectiva de moradia apenas as proximidades dos canteiros de obras, seja nos seus alojamentos ou nas denominadas ‘invasões’. (CAMPOS,1991, p.100).

Pensar Brasília é pensar no Plano Piloto, remetendo ao que Leite e Garcia (2015) denunciam como o “peso de uma única história, que privilegia, no Distrito Federal, a construção de Brasília, como símbolo da memória nacional e do empreendedorismo de Juscelino

Kubitschek (JK), Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. ”, desconsiderando os trabalhadores que arduamente ergueram a cidade e que passaram a engrossar a parcela da população destinadas às periferias.

A capital da república foi construída para abrigar os funcionários públicos e os demais profissionais vinculados direta ou indiretamente ao poder público. Nesse sentido, a esses/as empregados/as era assegurado o direito a morar em Brasília. Interessa-nos destacar que aqueles que vieram para construir a cidade- a mão de obra operária e de prestação de serviços não enquadra no funcionalismo público, ficou à deriva da movimentação de se forjar o território, Brasília. (LEITE e GARCIA, 2015, p.67).

A dinâmica econômica e de empregabilidade de Brasília comporta um grande número de servidores públicos e trabalhadores assalariados com remuneração um pouco mais alta em relação à média nacional, sugerindo assim uma falsa ideia de que a cidade seria composta majoritariamente por pessoas que possuam um poder aquisitivo elevado, negando assim o processo histórico que compõe sua própria construção. No que diz respeito aos punks, a grande maioria são oriundas das diversas regiões administrativas de Brasília, locais em que a negligência do poder público, em relação à implantação de políticas públicas que atenda a população no conjunto de suas necessidades, ainda é bastante acentuada.

Para esta pesquisa, era necessária a escolha de uma região administrativa que dialogasse com as peculiaridades relacionadas ao contexto de Brasília, tanto no imaginário popular, quanto na sua relação contrastante com o movimento punk. Portanto, a cidade do Gama foi escolhida devido a sua importância histórica no legado da construção de uma identidade punk na cidade e pelo quantitativo de grupos pertencentes ao punk que se agrupam nesse espaço, ainda que resistências e vivências de outros punks sejam observadas em praticamente todas as outras 29 regiões administrativas restantes.

Localizada a 30 km de Brasília e inaugurada em 12 de Outubro de 1960, a cidade do Gama surgiu inicialmente para acomodar as famílias de uma invasão situada na barragem Paranoá (provenientes da Vila Planalto e da Vila Amauri) e do setor de indústrias de Taguatinga, sendo posteriormente necessária para comportar a transferência das famílias dos trabalhadores que se ocuparam da tarefa de erguer a nova capital, de acordo com o histórico da região descrito na PDAD, CODEPLAN, 2015, sendo convertida em Região Administrativa-RA II somente em 1989.

A origem do nome da cidade vem do nome da Fazenda Gama, uma das fazendas da região do planalto goiano, onde ficou definida a localização da

nova capital do Brasil. O nome da fazenda fazia referência ao nome do padre Luiz da Gama que, conforme o historiador Germires Reis, teria celebrado a primeira missa em Santa Luzia (Luziânia), no período das descobertas do ouro. As fazendas Gama, Ipê, Alagado e Ponte Alta formaram o conjunto de terras onde se definiu a localização do Gama. (FREITAS, 2013, p.65).

A região é formada por áreas rurais e urbanas e uma comunidade constituída atualmente tanto por nascidos no DF, quanto por imigrantes dos diversos Estados Brasileiros. A cidade foi projetada inicialmente para ter cinco setores: o setor oeste, que abriga áreas residenciais e comerciais, o setor leste, que, além das moradias residenciais, possui um forte predomínio de comércio e indústria, os setores norte e sul, destinados a moradia e o setor central, que possui um forte comércio tornando-se o local mais movimentado da cidade. No entanto, atualmente a cidade conta com nove setores que incluem além dos cinco já mencionados acima: o setor industrial (uma área mista que possibilita a inclusão de áreas comerciais e habitacionais), Cidade Nova (antiga Vila DVO¹³), Ponte Alta Sul e Ponte Alta Norte (pertencentes às áreas rurais da cidade).

O Gama¹⁴ é considerado tanto pelo cenário¹⁵ punk brasiliense, quanto por outros cenários espalhados pelo país, como sendo um dos locais centrais de mobilização punk especialmente na metade dos anos 80. Essa escolha se dá pelo fato de que algumas de suas figuras icônicas e produções artísticas que aqui se aglomeram sejam marcadas inspirações de lutas e resistências. Além disso, inicialmente, grande parte das produções e aglomerações punks se davam na cidade, fazendo com que aparentemente fosse um local em que os grupos e subgrupos punks se reunissem para desenvolver suas potencialidades e organizar eventos (mesmo que estes não viessem a ocorrer na cidade).

Os grupos existentes dentro do contexto punk brasiliense são bastante variados, sendo necessário atentar-se para algumas de suas peculiaridades como: as diversas concepções políticas, filosóficas e ideológicas dentro do próprio movimento e que fazem parte de cada

¹³ Corresponde a sigla de Departamento de Viação e Obras. Criado em 1959 para “guardar maquinarias da construção da nova capital”. Para mais informações: FREITAS. **A expansão urbana no Distrito Federal e a dinâmica do mercado imobiliário: o caso do Gama.** 2013.

¹⁴ A cidade também é considerada uma grande impulsionadora da economia do chamado entorno de Brasília (Novo Gama, Parque Estrela d’Alva, Cidade Ocidental, Valparaíso, Luziânia, entre outras), uma vez que se localiza na divisa entre Distrito Federal com o Goiás. Estão presentes na região bancos, academias, redes de supermercados, farmácias, Centros de Saúde, Hospital Regional, além dos equipamentos culturais como o Teatro Galpãozinho do Gama, Teatro Espaço Semente, Biblioteca Pública, entre outros.

¹⁵ É mesmo que cena sendo assim “composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos punks, pelas distros que distribuem material punk e, obviamente pelos próprios punks. Para saber mais sobre: O’HARA, Craig. **A Filosofia do Punk** - Mais do que Barulho. 2005.

realidade local.

É importante alertar que dissertar sobre o movimento punk brasileiro é, antes de tudo, tecer uma narrativa sobre uma perspectiva individual que precede o espaço coletivo, pois os posicionamentos adotados pelos indivíduos e grupos que compõem esse cenário são reflexos do leque de possibilidades presentes na vivência punk. A aproximação do cenário punk com questões relacionadas a alimentação e ao ato de comer se configura ainda no final dos anos 80 com a produção de fanzines¹⁶, que passam a tratar do assunto de forma cada vez mais embasada.

Os fanzines são construídos e destinados ao público punk, pois é um material que aborda diversos questionamentos sobre variados pontos de vista sem a pretensa necessidade de estar de acordo com algum tipo de norma que efetive a sua construção. A regra é não ter regras e, sim, possibilitar que as ideias possam chegar a todos aqueles que tenham algum tipo de identificação ou interesse nas pautas abordadas pelos grupos punks. Essa lógica acaba por não limitar as publicações unicamente ao grupo, retirando, dessa forma, qualquer noção de exclusividade de seu conteúdo, possibilitando assim sua circulação nos mais variados meios em que os debates e questionamentos presentes nessas publicações estejam sendo discutidos.

As questões que envolvem a alimentação, seja pela necessidade da manutenção da sobrevivência, pela ação revolucionária intrínseca contida na produção do alimento e no seu preparo e nas relações comensais, fazem com que diferentes abordagens possam ser desenvolvidas dentro do contexto do punk, seja do ponto de vista da manutenção da saúde, ou da não exploração dos animais não humanos, como do ponto de vista do uso sustentável do meio ambiente na produção de alimentos, entre outras possibilidades que se façam presentes no debate da sustentabilidade.

¹⁶ Os fanzines se manifestam nos anos 70 como “Pequenas publicações feitas de modo artesanal” e criadas por pessoas que estavam dispostas a discutir sobre assuntos diversos: fosse uma banda, um estilo musical, artes, quadrinhos, política, entre outros. Para mais informações: O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk** - Mais do que Barulho. 2005

2. CAPÍTULO II

Para que seja possível iniciarmos um debate sobre a alimentação no que se refere ao movimento punk brasileiro, é necessário um breve resgate histórico acerca da comida com o objetivo de construirmos um diálogo que aproxima a segurança alimentar e nutricional, bem como a insegurança alimentar nas demandas provenientes da relação que se pretende construir entre o punk e o ato de comer. É importante salientar que a dinâmica alimentar que envolve o movimento punk é bastante similar àquela apresentada cotidianamente na mesa do trabalhador. Os alimentos consumidos fazem parte de uma assimilação cultural previamente estabelecida pelos costumes herdados a partir das relações de convivência ou familiares através de laços que propiciam a construção de um comportamento alimentar típico dessa geração.

Antes de mais nada, é importante fazer um esclarecimento, para fins didáticos, em relação a utilização da categoria punk nessa pesquisa: o termo punk aqui é utilizado de forma genérica, sem o aprofundamento necessário das diversas subculturas existentes e que se coadunam dentro do próprio movimento. Vale ressaltar também que o objetivo da pesquisa é incitar a discussão sobre os imbricamentos do movimento punk com a segurança alimentar sem a pretensão de esgotá-la em um único trabalho de pesquisa levando a crer a necessidade de outras proposições relativas a essa temática.

2.1. A construção de uma cultura e uma identidade alimentar

De acordo com Montanari (2013), os processos culturais que permitiram a domesticação, a transformação e a reinterpretação da natureza possibilitaram a interpretação da comida como cultura quando preparada, consumida e como um elemento importante na construção da identidade humana e um eficiente elemento de comunicação. Com o crescimento populacional há uma mudança drástica nas relações sociais e conseqüentemente nas relações com a comida, implicando numa reorganização da produção de alimentos.

As culturas possuem diversos elementos centrados na tradição: valores, técnicas, saberes que são transmitidos e na inovação que permite a modificação dessas técnicas e saberes previamente acumulados possibilitando expressivas transformações culturais. É o caso do pão. Como bem lembra Montanari (2013) “o pão não existe na natureza, e somente os homens sabem fazê-lo... Por isso o pão simboliza a saída do estado bestial e a conquista da civilização”.

Sendo o ser humano um onívoro¹⁷ a sua seleção alimentar perpassa por uma predileção individual ou coletiva que busca conciliar valores e significados diversos o que por si só não é suficiente para identificar o modo de comer da espécie humana. Dessa forma, Montanari (2013) nos desperta para o fato de que “o principal elemento de diversidade consiste no fato de que o homem, somente ele, é capaz de acender e usar o fogo, e essa tecnologia lhe permite, juntamente com outras, fazer cozinha.”. O recente documentário intitulado *Cooked*, de Gibney e Pollan, 2016, está em sua primeira temporada e o roteiro criado por Pollan chama a atenção pela dinâmica de interação entre os quatro elementos: fogo, água, ar e terra na alimentação. Pollan chama a atenção para o fato de sermos a única espécie que cozinha e que essa diferenciação nos distingue dos outros animais e nos torna humanos.

A alimentação, com o passar dos anos, foi transformando-se em um etos social que se realiza a partir da destinação societária da comida revelando os reflexos das desigualdades sociais a partir dos simbolismos expressos na manipulação e transformação dos alimentos destinados às classes dominantes. É o caso do alho, que passa de comida rústica, quando usado nos preparos comuns das populações mais pobres, a um alimento nobre quando utilizado nos pratos voltados para as grandes elites, como bem denuncia Montanari (2013) “a lógica do discurso é clara: uma vez condimentada, qualquer comida é digna da mesa senhoril.”. O autor relata que na Idade Média a comida era uma das formas de manifestar superioridade, expressa no luxo e na ostentação alimentar que determinava um comportamento de classe, uma vez que, a abundância de comida marcava uma situação de privilégio social e poder.

A frase de Plutarco “Nós não nos convidamos uns aos outros para comer e beber simplesmente, mas para comer e beber juntos” traz elementos importantes para toda a sociabilidade que envolve a comida e o ato de comer, uma vez que o ato alimentar não se resume ao ato de comer, mas o de criar e fortalecer vínculos, “assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo” (MONTANARI, 2013, p. 183).

Embora tenha-se feito o esforço de pesquisa que viesse contemplar uma construção alimentar indetentária própria do movimento punk, esta não logrou êxito devido à falta de material bibliográfico disponível que abordasse as relações, hábitos, costumes e culturas alimentares que fossem inerentes aos punks. Com o empenho em minimamente destrinchar os

¹⁷ Que se alimentam de animais e vegetais.

significados necessários a essa pesquisa e utilizando um aporte teórico acadêmico, bem como relendo algumas produções realizadas pelo próprio movimento punk, neste caso os fanzines, é possível perceber que havia uma recorrência em determinados assuntos relacionados a alimentação e que estes estavam para além do ato de comer.

Assuntos como: vegetarianismo, veganismo, produção autossustentável, preservação do meio ambiente, receitas, entre outros, estavam presentes nas publicações de alguns fanzines punks, realizadas de forma muito incipiente, demonstra uma maneira peculiar de discorrer sobre determinados assuntos, como o da alimentação, fugindo do estereótipo do trato com a questão alimentar.

Ainda que o punk tenha como premissa a ruptura e desconstrução de valores e tradições socialmente estabelecidos, no que diz respeito à alimentação, ocorre um movimento que contraria essa lógica de cindir com as tradições, num processo que resgata antigas formas de preparo e muitas vezes de produção da própria comida, numa ação anticapitalista que prioriza a comida de verdade ao invés de produtos industrializados que favorecem as grandes indústrias de alimentos, em outras palavras, como já alerta Pollan, no ato de não comer nada que não possa apodrecer.

As motivações que estreitam essas relações se dão nos mais variados espaços, mas é na postura política presente no punk que a alimentação se destaca, seja através de ações diretas e indiretas contra o consumo de produtos pertencentes a grandes multinacionais, como a McDonald's e a Coca-Cola, por exemplo, por entenderem que essas empresas são a representação máxima do sistema capitalista em sua perversidade econômica e social.

Embora os punks não tenham um lugar determinado para partilhar suas vivências é comum que os encontros se deem em bares, praças, nos espaços voltados para as artes, ocupas¹⁸, entre outros; apesar de o movimento ser bastante heterogêneo, é possível a configuração de grupos variados dividindo um mesmo espaço sob interesses diversos. Ainda que se tenham tido diversas tentativas de ocupação punk/anarquista em Brasília, estas acabaram sendo frustradas devido à própria dinâmica da cidade e sua especulação imobiliária.

Em outros estados, algumas tentativas de construção de espaços autônomos obtiveram êxito, mas, devido à forte pressão do Estado e em alguns momentos até mesmo da própria

¹⁸ Locais abandonados que são ocupados por outros que não os seus legais proprietários, a fim de servirem a objetivos habitacionais, culturais, etc, podendo ter ou não motivações políticas.

população ocupar e resistir, encontraram muitas dificuldades no processo de gestão e, por isso, essas experiências acabaram não tendo um prosseguimento. Em São Paulo, por exemplo, a Casa da Lagartixa Preta "Malagueña Salerosa", é um espaço anarquista autogerido que não pode ser caracterizado como uma ocupação no sentido estrito da palavra, porém segue sendo um local que abriga variadas formas de cultura, atividades e práticas libertárias.

Algumas dessas experiências coletivas voltadas para produção de alimentos para consumo próprio são bastante comuns, assim como a construção de coletivos anarquistas e/ou punks que, além de possibilitarem diversificadas formas de produção cultural, social e econômica autônoma, trazem como proposta o cultivo sustentável e a busca por parcerias para troca e cultivo de sementes crioulas¹⁹, possibilitando dessa forma a quebra do monopólio de sementes mantidas por grandes empresas como a Monsanto²⁰. Com o intuito de romper com lógica de mercado, indivíduos e coletivos punks passam a produzir e/ou consumir seus alimentos livres de defensivos agrícolas²¹, numa perspectiva de relação sustentável com a terra.

Um outro aspecto presente na vivência de alguns punks no tocante ao ato de comer, diz respeito à relação existente entre a exploração e o consumo, ou não consumo, de animais não humanos, como é o caso do consumo de carnes de animais como: boi, vaca, porcos, frango, entre outros, bem como de produtos originários da exploração desses animais como é o caso do leite, mel de abelha, entre outros.

Para comer carne, a diferencia de muchos otros tipos de alimentos, hay que proceder a un reparto. Y el reparto de la carne es un acto fundamental, si no fundante, de la vida social. Reviste un carácter vital, por razones biológicas y sociales a la vez; pero tiene otra característica: repartir la carne es también repartir la responsabilidad de la muerte y, en definitiva, reciclarla simbólicamente, transformarla en vínculo social. (Fischler, 1995, p.135).

Embora a decisão pela manutenção de uma alimentação vegetariana ou vegana não se esgote no âmbito da particularidade, é preciso refletir antes de tudo sobre o significado dessa postura – indicada por muitos como um ato político – e as condições materiais de se efetivá-la. Os adeptos ao veganismo não consomem nenhum produto de origem animal, isso inclui, além

¹⁹ De acordo com site do Ministério do Desenvolvimento Agrário- MDA- “as sementes crioulas são variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas ou indígenas, com características bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades.”.

²⁰ Uma das empresas mais lucram nos Estados Unidos e uma das maiores produtoras de herbicidas do mundo.

²¹ Defensivos agrícolas são substâncias ou misturas, naturais ou sintéticas, usadas para destruir plantas, insetos, fungos, bactérias e vírus que prejudicam as plantações.

da alimentação, roupas, remédios, cosméticos, peles, ou seja, qualquer produto que tenha sido testado em animais ou que sejam derivados de algum animal.

A defesa dos direitos dos animais, a desconstrução do especismo, a preocupação com os malefícios causados à saúde pelo consumo da carne e dos derivados de produtos animais e o respeito às diversidades são algumas das lutas cotidianas em prol da causa animal dos veganos. Uma alimentação vegana inclui basicamente vegetais, cereais integrais, leguminosas, hortaliças e frutas, entre outras possibilidades de alimentos alternativos, que substituem o uso de produtos de origem animal em sua composição.

A publicidade voltada para o consumo desenfreado das massas traz um forte apelo ao não reconhecimento da animalidade do que comemos num intenso processo de coisificação e desassimilação do animal consumido, como abordado por Fischler, 1995, “En realidad, encontramos cada vez menos la animalidade en nuestros alimentos. Está cada vez más transformada, trabajada, recortada y adornada, irreconocible; en una palabra: cosificada” o que nos faz crer que comer é um ato político assim como a redução de danos que deve ser confrontada a partir desse ato.

Dito isso, se faz necessária uma ponderação em relação ao nicho de mercado que se constrói para o atendimento dessa demanda que, diferente do que se imagina, não está centrado na agricultura familiar²² ou no consumo de alimentos *in natura*²³ disponíveis nos comércios. Atualmente, comércios voltados para esse público estão cada vez populares e mais especializados em produtos naturais, vegetarianos e veganos no âmbito do comércio de alimentos (incluindo a versão da carne feita com proteína da soja), roupas e acessórios, higiene e cosméticos, suplementos, entre tantos outros produtos disponíveis para atender esse grupo consumidor que se configura.

Tendo como base essa premissa, é possível observarmos uma mudança no objetivo central da luta contra a exploração que passa a ser cooptada pelo mercado, colaborando para que os valores políticos atribuídos a esse processo se esfaçem, dando lugar a um consumismo

²² Conceito dado pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que também estabeleceu as diretrizes para a formulação da Política Nacional de Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais: considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, não detém área maior do que quatro módulos fiscais; utiliza predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tem percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento; dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

²³ Alimentos que se encontram em seu estado natural; que não foi processado.

enviesado pela máxima da *comida de verdade* em contraponto aos alimentos industrializados pensados para atender a essa demanda. Essa é uma das críticas que muitos punks atribuem ao veganismo e vegetarianismo, pois acreditam que esses movimentos acabam contribuindo para novas formas de exploração e criação de segmentos específicos para o atendimento dessas novas demandas.

Outra crítica que se faz é em relação ao custo monetário de uma vida estritamente vegana, uma vez que comparado ao panorama geral de renda da população, os produtos veganos acabam possuindo um custo mais alto para a realização de seu consumo, assim como os embates existentes entre os adeptos do veganismo e vegetarianismo quanto ao consumo da soja. O grão é bastante consumido por esses dois grupos assim como pela população em geral e a manutenção de sua produção envolve questões importantes a serem discutidas, como o desmatamento ocasionado pelo plantio, a concentração de terras no uso da monocultura, entre outras problemáticas que envolvem esse tema.

É importante ressaltar que os vegetarianos se diferenciam dos veganos em muitos aspectos, sendo um deles a questão do consumo de produtos de origem animal – os veganos não consomem, ao contrário dos vegetarianos. Entre os vegetarianos existem algumas distinções quanto a dieta alimentar:

- **Ovolactovegetarianos:** não consomem carne, mas consomem ovos e laticínios;
- **Ovo-vegetarianos:** não consomem nenhum tipo de carne nem laticínios, mas consomem ovos e derivados;
- **Lacto-vegetarianos:** não consomem carne, mas consomem laticínios;
- **Vegetarianos Estritos:** não consomem nada de origem animal na alimentação;
- **Veganos:** não consomem nada de origem animal;

Ser vegetariano está intimamente ligado a uma visão de defesa da liberdade de cada ser, o que pode incluir a luta pelo fim da exploração animal pelo homem, demandas relacionadas a crenças religiosas, questões voltadas à saúde, ou simplesmente pela iniciativa do não consumo de carne. Uma alimentação à base de frutas, verduras, hortaliças, cereais e grãos é considerada no mínimo saudável e sustentável, levando-se em conta obviamente as relações de produção desta comida, como a utilização indiscriminada de agrotóxicos²⁴, por exemplo. Ainda que não

²⁴ De acordo com a Lei nº 7802/89, agrotóxicos e afins são: “a) os produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos; b) substâncias e produtos,

seja uma unanimidade dentro do movimento punk, uma boa parte dos indivíduos, independente do grupo em que estes estejam inseridos, opta pelo não consumo de animais mortos e militam em prol de uma libertação animal por entender que uma alimentação baseada no consumo da carne produz e reproduz relações nefastas sobre a ordem do capital, um negócio extremamente lucrativo que beneficia a indústria da carne em detrimento aos animais não humanos.

Por se tratar de uma decisão que embora seja de cunho individual, mais que envolvem vários processos, inclinar-se para uma alimentação livre do consumo de animais vivos ou mortos, assim como dos seus produtos derivados, fazem parte da realidade alimentar de muitos punks que decidiram trilhar sua vivência a partir de um viés político ou simplesmente pela conscientização primária dos malefícios da indústria da morte de animais não humanos sem com que isso esgotasse as discussões pertinentes sobre a exploração dos animais, tanto os humanos quanto os não humanos.

A libertação animal e humana é uma luta conjunta, onde não é possível realizar uma sem realizar a outra, usando um velho jargão anarquista: ‘enquanto todos não estivermos livres estaremos todos presos’. Por isso que tão especista quanto defender a liberdade com um pedaço de carne em seu prato, tão hipócrita será falar em defesa da vida sem questionarmos a vida de todas as mulheres que morrem todos os dias em consequência de abortos malsucedidos. (LAGARTO; DAVID, [200-?]).

Com o devido respeito à temática e aos que se sintam contemplados nesse modo de vida, que luta e resiste contra a exploração e morte dos animais não humanos, é necessário ter uma visão crítica quanto a abordagem que se faz sobre o vegetarianismo/veganismo com pessoas leigas inseridas no contexto do punk, mas que não tenham o conhecimento necessário para sua conscientização quanto as questões que o veganismo aborda, ou simplesmente por não ser uma questão considerada relevante. A imposição, por parte dos veganos/vegetarianos, sobre o tema e até mesmo a inflexão com que são abordados em conjunto com a falta de leitura prévia da realidade concreta do outro, seja material, cultural ou até mesmo subjetiva, acaba contribuindo de maneira negativa na construção de um caminho de diálogo sobre a questão.

2.2. A formação para um diálogo sobre a segurança alimentar e nutricional

Os direitos humanos são inerentes a todos os seres humanos. Foram conquistados a

empregados como desfolhantes, desseccantes, estimuladores e inibidores de crescimento;” para maiores informações: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7802.htm

partir de lutas históricas da população contra a opressão, a discriminação e aos abusos de poder. Podemos citar como alguns desses direitos o acesso à saúde, à moradia, à educação, à liberdade, entre tantos outros, pactuados a partir de acordos, normas ou declarações.

São universais porque se aplicam a todos os seres humanos, independente do sexo e da orientação sexual, idade, origem étnica, cor da pele, religião, opção política, ideologia ou qualquer outra característica pessoal ou social. São indivisíveis porque os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais são todos igualmente necessários para uma vida digna. Além disso, a satisfação de um não pode ser usada como justificativa para a não realização dos outros; São interdependentes e inter-relacionados porque a realização de um requer a garantia do exercício dos demais. Por exemplo: não há liberdade sem alimentação; não exercem plenamente o direito ao voto aqueles que não têm direito ao trabalho e à educação; não há saúde sem alimentação adequada e assim por diante. Nesse sentido, a promoção da realização de qualquer direito humano tem que ser desenvolvida de forma interdependente e inter-relacionada com a promoção de todos os direitos humanos; São inalienáveis, ou seja, são direitos intransferíveis, inegociáveis e indisponíveis, o que significa que não podem ser tirados por outros, não podem ser cedidos voluntariamente por ninguém nem podem ter a sua realização sujeita a condições. (ABRANDH, 2013, p. 25).

A expressão “Direito Humano à Alimentação Adequada” se engendra no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC) e, para tanto, é necessário compreender que, para que essa proposição se satisfaça, é essencial que se tenha disponibilidade de alimentos (terras produtivas, recursos naturais, rede de comércio local, entre outros), adequação (relacionados a preparação e ao consumo), acesso (econômica e física) e estabilidade (alimentos disponíveis de forma regular e permanente).

A soberania alimentar é um conceito essencial para a garantia do direito humano à uma alimentação adequada, pois “implica em cada nação ter o direito de definir políticas que garantam a Segurança Alimentar e Nutricional de seus povos, incluindo aí o direito à preservação de práticas alimentares e de produção tradicionais de cada cultura”. (ABRANDH, 2010, p.23). Esse conceito surge como resposta dos movimentos sociais camponeses à implementação de políticas neoliberais no tocante a agricultura que passa a ter uma abordagem que privilegia o agronegócio²⁵ e o modelo agroexportador em detrimento da agricultura familiar.

Mesmo cultivando uma área menor, a agricultura familiar é responsável por

²⁵ Modelo de produção agrícola baseado em monocultivos, em grandes extensões de terra, a partir de mecanização intensiva, com a utilização de veneno agrícola (os agrotóxicos) e pouca mão de obra. Tal modelo de produção é visto como uma categoria econômica com fortes laços com o comércio exterior.

garantir a segurança alimentar do país, gerando os produtos da cesta básica consumidos internamente. A agricultura familiar responde por 87% da produção de mandioca, 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 58% do leite, 59% do plantel de suínos, 50% das aves, 30% dos bovinos e, ainda, 21% do trigo. A cultura com menor participação da agricultura familiar foi a soja (16%). Isso demonstra a potencialidade das ações de reforma agrária para ampliar o peso da agricultura familiar. (SANDF, 2012, p. 9).

A meta de desenvolvimento do milênio nº1 tem como proposta reduzir pela metade, entre 1990 e 2015, a parcela de pessoas que são acometidas pela fome. Com a alteração do artigo 6º da Constituição Federal pela Emenda Constitucional nº 64/10, o DHAA passa a ser assegurado entre os direitos sociais na Constituição Federal. Quanto a isso:

Cabe ainda ressaltar que, na perspectiva da promoção dos direitos humanos, o processo (como é feito) é tão importante quanto o resultado (o que é feito). Nesse sentido, é fundamental que práticas que promovam o DHAA considerem os princípios que se relacionam com esse direito e, assim, superem práticas paternalistas, assistencialistas, discriminatórias e autoritárias. Portanto, para promover a realização do DHAA é fundamental que a execução e a implantação das políticas, programas e ações públicas (o que é feito) e seu delineamento, planejamento, implementação e monitoramento (como é feito) sejam garantidos por um processo democrático, participativo, inclusivo, que respeite as diferenças e diversidades entre os seres humanos. (ABRANDH, 2010, p.20).

Para que uma alimentação possa diminuir os riscos de agravos à saúde humana, é essencial que uma série de etapas e análises dos alimentos consumidos seja desenvolvida a partir de fiscalizações que garantem um controle da qualidade dos alimentos nas diversas etapas do processo produtivo: colheita, transporte, entre outros.

Portanto, é necessária uma análise anterior sobre a questão com o intuito de pontuar algumas proposições pertinentes à essa temática e buscando contribuir com a análise sobre a qualidade dos alimentos sob um viés que considere os processos que envolvem a dinâmica de uma alimentação segura, adequada e de qualidade.

Ao fim da segunda guerra mundial, muitos países sofreram com o desabastecimento de alimentos devido ao bloqueio e isolamento dos portos. A mão de obra na lavoura passou por um processo de redução, devido à convocação dos jovens para a guerra, não havendo um quantitativo suficiente para plantar, colher e distribuir os alimentos, uma vez que, a guerra limitava o acesso aos territórios e a atenção da indústria se voltava para produção bélica. A preocupação com a segurança alimentar como uma questão de segurança nacional, como

consequência da guerra, tomou força com o surgimento da FAO (Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas), em 1945, fazendo com que a preocupação com segurança alimentar ganhasse força e algumas estratégias pudessem ser desenvolvidas para resolver o problema da fome no mundo.

Com vistas a aumentar a disponibilidade alimentar, tem se defendido um sistema de produção, distribuição e consumo desigual e injusto, com fortes impactos na saúde pública, permanecendo a fome no mundo e a violação de direitos humanos. Contudo, a discussão desse cenário de crise no sistema alimentar e seus impactos é pouco vislumbrada sob uma ótica mais ampla de crise do capital, tal qual uma das consequências da crise estrutural do capitalismo. (MACHADO, MENDES & OLIVEIRA, 2016, p.506).

Como tentativa de resolver o problema da escassez de alimentos, houve um intenso processo de modernização da lavoura, com o emprego ostensivo de maquinário e tecnologias avançadas, sementes geneticamente modificadas e mais resistentes a determinadas pragas e o uso de insumos agrícolas²⁶, numa dinâmica que ficou conhecida como *revolução verde* cujo objetivo inicial era promover o aumento da produção agrícola. No entanto o milagre da superprodução veio acompanhado de vários dilemas, entre eles o uso indiscriminado dos agrotóxicos – produtos que causam a degradação do meio ambiente, a contaminação do solo, rios e até mesmo da própria produção agrícola que passa a oferecer risco à saúde humana.

Uma revolução na tecnologia, na pesquisa e na difusão de técnicas mais adequadas ao desafio que estava posto foi a saída encontrada. A revolução verde, que liquidou a diversidade de culturas e expulsou para as cidades intermináveis cordões de agricultores familiares despossuídos- tudo em nome de uma nova agricultura moderna e eficiente, capaz de gerar todos os excedentes necessários à recomposição de estoques mundiais e intensificar as ajudas humanitárias- foi a resposta ao problema. (Gomes Júnior, 2015, p. 105).

O conceito de SAN está diretamente associado à quantidade e qualidade dos alimentos, de forma permanente, acessível e em quantidade suficiente. No entanto é importante trazer a esta discussão para além da possibilidade concreta de acesso a esses alimentos: a influência das necessidades básicas humanas na construção de uma SAN que seja, de fato, para todos. As políticas sociais envolvidas neste conceito estão, em sua grande maioria, voltadas ao combate de uma situação específica de Insegurança Alimentar (IA) que remete a problemas como

²⁶ Todo fator de produção utilizado com o objetivo de garantir a nutrição e a proteção das plantas para obter boa produtividade da lavoura e produto final de boa qualidade (mudas e sementes). Para mais informações: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento: <http://www.agricultura.gov.br/>.

doenças associadas à uma má alimentação, fome, obesidade, dentre outras, que acabam minando ao acesso a políticas focalizadas e assistencialistas no enfrentamento à IA eliminando de maneira paliativa as consequências ao invés das causas.

A SAN consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. (Lei 11.346/06, art 3º).

Alguns elementos conceituais de SAN são importantes para a compreensão de dois elementos que são diferentes e complementares: a dimensão alimentar e a dimensão nutricional. A primeira se relaciona com a produção e disponibilidade de alimentos enquanto que a segunda remete às relações que se estabelecem entre os alimentos e os seres humanos. Pollan, faz uma análise direcionada às relações que temos com a comida e se de fato essa comida é o que se pode chamar de comida de verdade ou apenas algo comestível reconhecível “[...] os nutrientes passaram a substituir a comida na visão popular do que significa comer.” (Pollan, 2013, l. 318-319²⁷). A alimentação passa a ser amplamente discutida com um foco centrado nos nutrientes ao invés de uma avaliação do alimento como um todo.

No documentário intitulado *Muito além do Peso*, de RENNER, 2012, são abordadas questões diretamente ligadas à insegurança alimentar e nutricional do ponto de vista do excesso de alimentos sem valor nutricional adequado que vem contribuindo para o desenvolvimento de doenças crônicas como a hipertensão e a diabetes tipo 2 em crianças ainda muito pequenas. A tecnologia utilizada na 2ª guerra mundial, no que diz respeito à alimentação, contribuiu de forma negativa em relação à saúde da população mundial com as comidas, agora, processadas e ultra processadas, e está associada ao modo de produção capitalista que transforma aspectos básicos de sobrevivência em mercadorias a serem exaustivamente consumidas.

Cada indivíduo é bombardeado, a todo o momento, de informações das mais variadas fontes e “opções de consumo” fazendo com que este considere estar fazendo boas escolhas quando, na verdade, a indústria alimentícia que domina o mercado de alimentos apresenta apenas alimentos inadequados. As desigualdades sociais ampliam e condensam ainda mais o

²⁷ POLLAN, Michael. **Em Defesa da Comida**. Versão eletrônica para kindle, posição refere-se à página no dispositivo.

foço existente entre os bem-nutridos de todos os acessos possíveis: saúde, educação, moradia, alimentação saudável (do ponto de vista nutricional) e sua aquisição permanente e adequada em relação aos “desnutridos sociais”. O marketing produzido pelas grandes empresas acaba afetando diretamente a dinâmica familiar, sugerindo a todo o momento a ingestão de calorias vazias.

A obesidade e o sobrepeso, na atualidade, assim como as doenças crônicas que as acompanham são desafios a serem enfrentados a partir da reflexão acerca da relação utilidade/quantidade/qualidade do alimento, assim como dos processos que envolvem a perda da cultura alimentar de toda uma sociedade. A qualidade dos alimentos está relacionada a um adequado consumo alimentar, assim como a segurança e a saúde dos usuários. De acordo com a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), uma alimentação saudável e adequada está associada a:

Prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso sustentável do meio ambiente. Deve estar em acordo com as necessidades de cada fase do curso da vida e com as necessidades alimentares especiais; ser referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; ser acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade; baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis; com quantidades mínimas de contaminantes físicos, químicos e biológicos (PNAN, 2012, p. 67).

De acordo com Marra (2016), o processo de contaminação dos alimentos pode se dar de três maneiras: física (presença de corpos estranhos nos alimentos, como: cabelo, prego, vidro, insetos, entre outros), química (toxinas produzidas por micro-organismos ou compostos químicos estranhos presentes nos alimentos, como: inseticidas, detergentes, medicamentos, entre outros) e biológica (microorganismos que causam doenças, como vírus, bactérias, entre outros). É necessário ainda que os cuidados referentes à contaminação sejam observados desde o processo produtivo, armazenamento, manipulação, transporte e disponibilização.

Todas essas etapas devem ser realizadas buscando eliminar o potencial de contaminação, evitando intoxicações alimentares – que poderão gerar desde desconfortos e até doenças mais sérias e muitas vezes fatais. As principais fontes de contaminação são: o ar (através dos esporos de microrganismos), animais e pragas, água, solo, superfícies de corte e manipuladores de alimentos.

A agroecologia desempenha um importante papel na construção e manutenção da

biodiversidade, preservação e sustentabilidade ambiental. Os modelos agroecológicos de produção possibilitam uma produção de alimentos sem a utilização de venenos se utilizando dos saberes tradicionais a partir do manejo numa espécie de ressignificação nas estratégias de SAN, a partir do manejo sustentável do solo e técnicas adequadas de cultivo, reiterando as relações entre a natureza e os seres humanos.

Com o advento das guerras, as indústrias passam a desempenhar um importante papel enquanto detentoras e fornecedoras de armas químicas de destruição em massa. Um dos fatos marcantes na história, diz respeito à Guerra do Vietnã, onde grandes quantidades do herbicida agente laranja²⁸ foram despejados na floresta vietnamita para o desfolhamento das plantas, como parte de uma estratégia militar do exército americano para reconhecimento da região. Este ataque vitimou milhares de pessoas que foram contaminadas com esse produto e, mesmo vários anos após o fim da guerra, a população continuou apresentando problemas de saúde relacionados a essa investida militar.

A Monsanto foi uma das principais empresas distribuidoras do agente laranja à época, e com o fim da guerra passou a procurar novos nichos de mercado para dar continuidade a sua atuação e é na agricultura que a empresa irá se estabelecer como uma das maiores e mais poderosas no mercado biotecnológico, assim como na distribuição e fabricação de venenos²⁹ a serem utilizados nas lavouras de todo o mundo.

Outro nicho de mercado que também passa a ser amplamente explorado pela empresa são os das sementes geneticamente modificadas, conhecidas como transgênicas,³⁰ que foram incorporadas na agricultura, a partir de uma perspectiva mercadológica, pois, por se tratar de sementes geneticamente modificadas e sua resistência às altas dosagens de agrotóxicos, usados no combate às pragas, acaba sendo mais atrativa e lucrativa para os empresários do setor.

Ainda que as grandes corporações corroborem para que o uso de suas sementes transgênicas seja amplamente utilizado e que se tenha uma produção massiva de alimentos que contenham ingredientes que sejam geneticamente modificados, pesquisas sugerem que o consumo desses alimentos trazem sérios riscos à saúde humana, como o aumento das alergias, uma maior resistência a antibióticos e o aumento na quantidade de veneno nos alimentos, uma

²⁸ São dois tipos de tóxicos: 2,4,5-T (ácido Triclorofenoxiacético) e 2,4-D (ácido Diclorofenoxiacético).

²⁹ Para fins de melhor compreensão o termo “veneno” nesta pesquisa está sendo usado de forma equivalente ao termo agrotóxico.

³⁰ São organismos geneticamente modificados (seres vivos criados em laboratório a partir de cruzamentos que dificilmente ocorreriam na natureza).

vez que irá demandar um uso maior de venenos no cultivo das sementes, bem como o aumento de substâncias tóxicas, além dos impactos diretos ao meio ambiente e na agricultura.

A tecnologia dos transgênicos é, na verdade, a evolução de um modelo de produção baseado na crescente artificialização da natureza, altamente demandante de insumos externos e venenos. Estes sistemas desequilibram o ambiente gerando novas pragas, que exigem a aplicação de novos venenos, que tornam as pragas mais resistentes, que levam ao uso de venenos mais fortes, e assim infinitamente (LONDRES, 2010, p. 70).

Esses defensivos agrícolas foram incorporados na produção de alimentos com o propósito de aumentar de forma substancial os lucros através do seu uso. Os fabricantes desses venenos vendem aos produtores a possibilidade de eliminação, quase que total, das pragas e uma colheita com pouco desperdício, ainda que para isso se coloque em risco a saúde da população. Os seres humanos, que manipulam diretamente esses produtos, através da pulverização das plantas nas lavouras, são os principais afetados pelo uso indiscriminado desses venenos. O uso dessas substâncias pode ocasionar intoxicações graves, moderadas e leves, além de outros problemas de saúde a longo, médio e curto prazo, como: câncer, distúrbios hormonais e reprodutivos, como já sugerem algumas pesquisas na área.

Observa-se também que, em sua maioria, as pessoas que trabalham com estes produtos não dispõem de equipamentos de proteção individual, não recebem o treinamento adequado para o desenvolvimento de uma atividade segura e em que as formas de manipulação e aplicação dos produtos sejam respeitadas.

As comunidades próximas às plantações em que o processo de pulverização aérea é realizado acabam sendo também bastante expostas a esses venenos, devido aos resquícios destes após o processo de pulverização. Esses acabam por contaminar poços que abastecem essas regiões, o solo e até mesmo as plantações vizinhas. A depender da quantidade de veneno utilizado, este poderá ocasionar intoxicações, assim como ocorre com os seres humanos, de longo, médio e curto prazo, a depender da quantidade de veneno a que essas populações foram expostas.

O Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo: segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), consumimos em média 7,5 litros de veneno por ano e ainda que esta quantidade seja alarmante, as autoridades brasileiras pouco têm feito para minimizar ou até mesmo extinguir o uso desses venenos na alimentação humana.

A tabela a seguir apresenta os resultados da avaliação do risco agudo do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) dos anos de 2013 a 2015:

Tabela 1 – Resultado da avaliação do risco agudo

ALIMENTO	Nº DE AMOSTRAS ANALISADAS	NÚMERO DE AMOSTRAS COM POTENCIAL RISCO AGUDO	% DE AMOSTRAS COM POTENCIAL RISCO AGUDO
Laranja	744	90	12,1%
Abacaxi	240	12	5,0%
Couve	228	6	2,6%
Uva	224	5	2,2%
Alface	448	6	1,3%
Mamão	722	6	0,8%
Morango	157	1	0,6%
Manga	219	1	0,5%
Pepino	487	2	0,4%
Feijão	764	2	0,3%
Goiaba	406	1	0,2%
Repolho	491	1	0,2%
Maçã	764	1	0,1%
Outros alimentos: Arroz, milho (fubá), trigo (farinha), banana, abobrinha, pimentão, tomate, batata, beterraba, cebola, cenoura, mandioca (farinha)	6.157	0	-
TOTAL	12.051	134	1,11%

Fonte: PARA (2016)

* Intoxicação aguda: agravo à saúde 24 horas após o consumo

** Alguns estudos trazem indícios de que a casca da laranja e do abacaxi tem baixa permeabilidade aos principais agrotóxicos detectados nas situações de risco, reduzindo a concentração dos resíduos na polpa

*** As análises foram feitas com o alimento inteiro, incluindo a casca, que, no caso da laranja e abacaxi, não é comestível. Ou seja, com a eliminação da casca, a possibilidade de danos a saúde pode ser diminuída;

Os recursos disponíveis para avaliar intoxicações causadas pelo uso de venenos ainda são muito escassos e, ainda que os profissionais de saúde estejam preparados a atender essa demanda, no tocante aos casos de intoxicação, a falta de mecanismos que possibilitem uma detecção adequada acaba comprometendo a atuação profissional. Uma questão que deve ser investigada envolve as notificações e registro de intoxicação causada por esses venenos, que poderiam apontar a partir de estudos, os malefícios causados à saúde de curto, médio e longo prazo. As intoxicações graves são as que geralmente recebem algum tipo de notificação pela natureza de sua gravidade. Os outros tipos de intoxicação acabam nem sendo registrados ou notificados como tais, devido à dificuldade de comprovação através de exames específicos para a área, perpetuando assim uma cultura de que esses venenos não sejam prejudiciais à saúde.

2.3. Questões pertinentes a segurança alimentar e nutricional no Distrito Federal

De acordo com o estudo sobre Segurança Alimentar e Nutricional no Distrito Federal, realizado em 2012, pela CODEPLAN, o DF passou a aderir ao SISAN em 2011, tendo como

componentes: a Conferência Distrital de Segurança Alimentar e Nutricional – encarregado pelo encaminhamento das diretrizes e prioridades da política e do plano de SAN ao CONSEA – DF – o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Distrito Federal (CONSEA – DF) – responsável pelo assessoramento ao governador do Distrito Federal e articulação com outros órgãos e entidades de SAN, com o intuito de fomentar o diálogo com o SISAN – e a Câmara Inter setorial de Segurança Alimentar e Nutricional (CAISAN-DF) – encarregado de elaborar, revisar e coordenar a Política de Segurança Alimentar e Nutricional e o Plano de Segurança Alimentar e Nutricional do Distrito Federal, além de possibilitar a articulação entre órgãos e entidades da administração pública federal relacionados à SAN.

O estudo ainda aponta um panorama de evolução dos indicadores de SAN a partir de seis dimensões de análise: produção de alimentos, a disponibilidade de alimentos, a renda e condições de vida, o acesso à alimentação adequada e saudável, incluindo a água, a saúde, nutrição e acesso a serviços relacionados e a educação.

Em relação a produção de alimentos, a exploração agropecuária vem conquistando destaque em relação ao agronegócio, mas, ainda assim, o DF tem importado mais do que exportado produtos alimentícios. As tabelas 02 e 03 trazem dados relativos às exportações e importações agrícolas do DF:

Tabela 2 – Exportações Agrícolas no DF

Produto	Variação (%) 2010 - 2011	
	Valor (US\$)	Peso (kg)
Carnes	-12,7%	-18,4%
Complexo soja	156,9%	120,1%
Cereais, farinhas e preparações	-79,7%	-82,1%
Café	-100,0%	-100,0%
Bebidas	102,0%	53,2%
Plantas vivas e floricultura	-100,0%	-100,0%
Frutas	80.446,0%	76.456,3%

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 18)

Tabela 3 – Importações Agrícolas no DF

Produto	Variação (%) 2010 - 2011	
	Valor (US\$)	Peso (kg)
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	-13,5%	-24,1%
Frutas	-34,6%	-46,0%
Lácteos	49,9%	42,3%
Carnes	96,8%	157,2%
Rações para animais	-90,9%	-93,4%
Completo sucroalcooleiro	-45,8%	-45,8%

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 18)

Quanto à disponibilidade de alimentos, a quantidade e volume comercializados na Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa –DF) pode ser observada a partir dos dados da CODEPLAN (2012) nas tabelas 4 e 5 a seguir:

Tabela 4 – Alimentos comercializados na CEASA de grandes capitais em 2011

UNIDADE	Cereais ³⁵	Hortigranjeiros	Produtos diversos	Total	Total/ população
CEAGESP - São Paulo	0	3.195.120	39.242	3.234.362	0,28
CEASA-MG - Belo Horizonte	89.791	1.467.887	807.965	2.365.643	0,99
CEASA-RJ - Rio de Janeiro	10.955	1.470.786	369.859	1.851.600	0,29
CEASA-BA - Salvador	5.751	441.527	49.931	497.208	0,18
CEASA-CE - Fortaleza	0	443.721	20.728	464.449	0,19
CEASA-DF - Brasília	0	329.938	130	330.068	0,13

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 28)

Tabela 5 – Volume de alimentos comercializados na CEASA/DF por estado

UF	dez/03		dez/11	
	Volume (Kg)	%	Volume (Kg)	%
DF	5.493.206	24,30	6.471.737	21,98
AL	28.280	0,13	118.800	0,40
BA	4.274.703	18,91	4.113.718	13,97
CE	32.230	0,14	205.200	0,70
ES	82.900	0,37	122.076	0,41
GO	3.966.664	17,55	4.871.100	16,55
MG	3.061.137	13,54	4.624.518	15,71
MT	-	-	172.550	0,59
PA	7.500	0,03	-	-
PB	14.000	0,06	49.500	0,17
PE	-	-	257.733	0,88
PR	1.141.257	5,05	458.253	1,56
RJ	-	-	467.650	1,59
RO	-	-	24.860	0,08
RN	154.270	0,68	372.212	1,26
RS	688.892	3,05	1.929.466	6,55
SC	1.282.410	5,67	1.683.894	5,72
SE	275.059	1,22	24.000	0,08
SP	1.711.175	7,57	3.216.354	10,92
TO	347.880	1,54	257.300	0,87

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 29)

É possível notar que, embora o volume tenha sofrido um aumento expressivo, ele ainda continua atrás em relação a outros Estados mesmo quando a maior parcela de produtos comercializados aqui seja decorrente do próprio DF.

Em relação às condições de vida e renda no DF, sabe-se que Brasília é a capital que possui a melhor qualidade de vida. Contudo, mesmo que a capital apresente um percentual menor de pessoas em situação de extrema pobreza, comparado a outras capitais, conforme ilustra a tabela a seguir, a cidade ainda manifesta problemas de saneamento básico e abastecimento de água.

Tabela 6 – População em extrema pobreza nas grandes capitais em 2010

Municípios	Percentual da população em extrema pobreza	Varição do Índice de Condição de Vida (ICV)
Salvador - BA	5,5	-1,49
Fortaleza - CE	5,5	-26,57
São Paulo - SP	3,0	8,19
Rio de Janeiro - RJ	2,6	-13,91
Distrito Federal	1,8	108,27
Belo Horizonte - MG	1,3	15,76

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 30)

No que diz respeito ao acesso ao emprego no DF, entre os anos de 2000 e 2010, houve uma elevação considerável das taxas de emprego, porém, quando se compara estes dados com dados acerca da população desocupada, Brasília aparece em posição intermediária em relação a capitais maiores nesse período.

O índice de custo de vida (ICV) é calculado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), responsável por avaliar quanto uma família gasta para adquirir sua cesta básica mensal e quantas horas de trabalho uma pessoa que recebe um salário mínimo necessita para comprá-los. A tabela a seguir demonstra o gasto mensal e tempo de trabalho médios necessários para a compra de cesta básica nas grandes capitais:

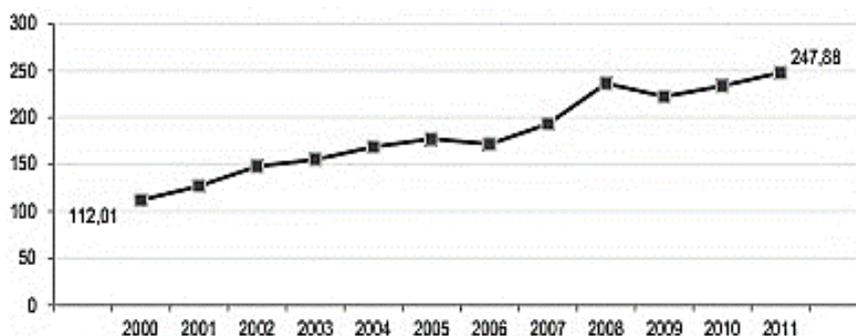
Tabela 7 – Gasto mensal e tempo de trabalho necessárias para comprar a cesta básica nas capitais (12/2011)

Município	Gasto Mensal (R\$)*	Tempo de Trabalho
São Paulo	277,27	111h56m
Belo Horizonte	264,01	106h34m
Rio de Janeiro	262,90	106h07m
Distrito Federal	247,88	100h04m
Fortaleza	215,21	86h52m
Salvador	208,82	84h18m

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 32)

Comparada a outras capitais, Brasília possui um gasto mensal considerado intermediário para aquisição de cesta básica, conforme demonstrará o gráfico 1 a seguir, acontecendo o mesmo em relação ao tempo de trabalho necessário para comprá-la. Para o cálculo desse índice utiliza-se produtos como carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão, café, banana, açúcar, óleo e manteiga.

Gráfico 1 – Gasto mensal com cesta básica no DF (em reais)



Fonte: CODEPLAN (2012, p. 32)

Ainda em relação à pesquisa da CODEPLAN, SAN-DF, 2012, quanto ao acesso à alimentação adequada no DF, o estudo revela que a população tem adquirido mais alimentos, no entanto não é possível assegurar que seja uma alimentação considerada saudável, ainda que em comparação às outras capitais seja a que demonstra maior preocupação, pois a quantidade de alimentos não saudáveis adquiridas aumentou espantosamente, conforme as tabelas 8, 9 e gráfico 2 demonstram a seguir:

Tabela 8 – Aquisição alimentar domiciliar no DF per capita anual, por produto

Produtos	2002-2003		2008-2009	
	N*	%	N*	%
Açúcares, doces e produtos de confeitaria	20,2	7,3	20	6,5
Alimentos preparados e misturas industriais	1,8	0,7	4,8	1,6
Aves e ovos	14,4	5,2	15,5	5
Bebidas e infusões	43,5	15,8	45,7	14,8
Carnes	18	6,5	20,6	6,7
Cereais e leguminosas	38,2	13,8	39,8	12,9
Cocos, castanhas e nozes	0,1	0	0,5	0,2
Farinhas, féculas e massas	8,7	3,1	9,4	3,1
Frutas	23,4	8,5	40,1	13
Hortaliças	23,5	8,5	27,7	9
Laticínios	52,4	19	44,7	14,5
Óleos e Gorduras	7,5	2,7	8,1	2,6
Panificados	18,4	6,7	21,9	7,1
Pescados	2	0,7	2,7	0,9
Sais e condimentos	3,2	1,2	6,7	2,2
Total	275,9	-	308,7	-

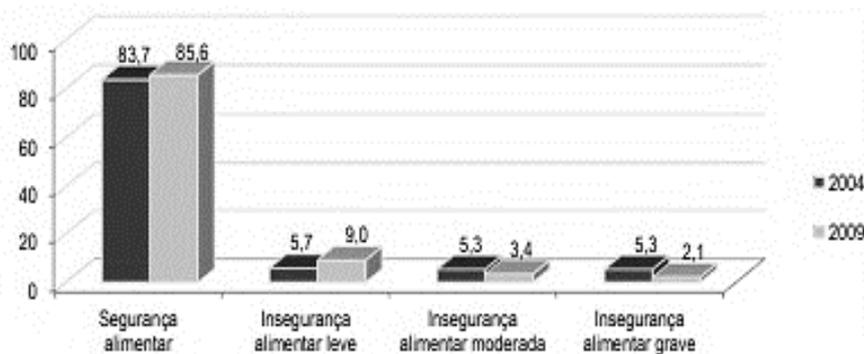
Fonte: CODEPLAN (2012, p. 53)

Tabela 9 – Aquisição alimentar domiciliar per capita anual, por áreas urbanas

Produtos	Rio de Janeiro		Fortaleza		Belo Horizonte		Brasília		São Paulo		Salvador	
	N	%	N	%	N*	%	N	%	N	%	N	%
Açúcares, doces e produtos de confeitaria	16,4	4,9	22,3	6,9	14,5	4,5	20,0	6,5	14,9	5,0	13,6	5,3
Alim. preparados e misturas industriais	3,2	0,9	3,9	1,2	5,4	1,7	4,8	1,6	5,3	1,8	1,6	0,6
Aves e ovos	19,6	5,8	20,5	6,4	15,9	5,0	15,5	5,0	11,3	3,8	15,7	6,2
Bebidas e infusões	63,7	19,0	67,3	20,8	57,0	17,8	45,7	14,8	55,5	18,8	45,8	18,0
Carnes	27,2	8,1	18,3	5,7	21,2	6,6	20,6	6,7	21,0	7,1	18,9	7,4
Cereais e leguminosas	27,7	8,3	40,7	12,6	23,0	7,2	39,8	12,9	24,5	8,3	19,3	7,6
Cocos, castanhas e nozes	0,2	0,1	0,2	0,1	0,3	0,1	0,5	0,2	0,3	0,1	0,6	0,2
Farinhas, féculas e massas	10,6	3,2	17,1	5,3	9,0	2,8	9,4	3,1	7,9	2,7	12,6	4,9
Frutas	38,5	11,5	31,4	9,7	43,1	13,4	40,1	13,0	37,1	12,5	28,2	11,1
Hortaliças	34,4	10,3	17,3	5,4	30,3	9,4	27,7	9,0	26,7	9,0	26,9	10,6
Laticínios	47,4	14,1	40,1	12,4	58,6	18,3	44,7	14,5	48,8	16,5	25,4	10,0
Óleos e Gorduras	7,6	2,3	8,3	2,6	8,2	2,5	8,1	2,6	8,1	2,7	5,4	2,1
Outros produtos	-	0,0	-	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-	0,0	-	0,0
Panificados	28,1	8,4	26,4	8,2	27,5	8,6	21,9	7,1	26,7	9,0	31,6	12,4
Pescados	4,4	1,3	5,1	1,6	2,0	0,6	2,7	0,9	2,0	0,7	3,5	1,4
Sais e condimentos	5,7	1,7	3,3	1,0	4,3	1,3	6,7	2,2	5,3	1,8	4,3	1,7
Vísceras	0,6	0,2	0,6	0,2	0,8	0,3	0,6	0,2	0,3	0,1	1,2	0,5
Total	335,2	-	322,1	-	321,0	-	308,7	-	295,8	-	254,6	-

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 34)

Gráfico 2 – Segurança alimentar e nutricional nos domicílios particulares do DF

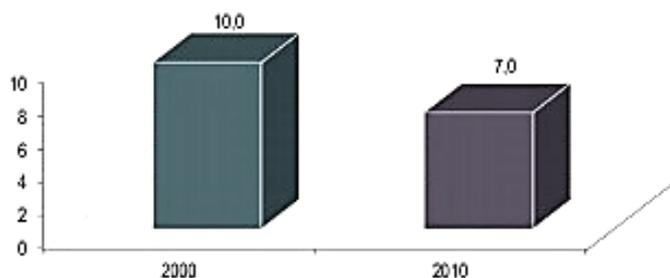


Fonte: CODEPLAN (2012, p. 35)

Com relação à saúde, nutrição e acesso aos serviços de saúde no Distrito Federal, os indicadores, em especial aqueles relacionados ao efeito da alimentação na saúde, apontam a quantidade de crianças com baixo peso ao nascer e importante fator de risco para a

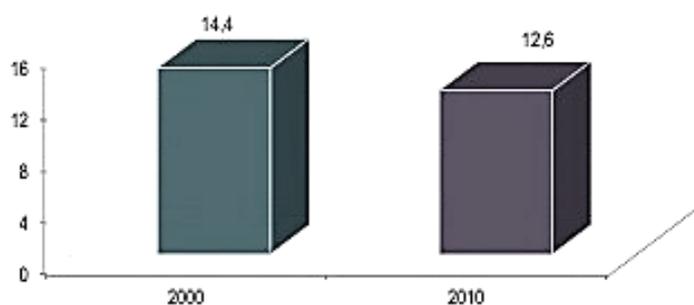
morbimortalidade neonatal ou infantil, como demonstram os dados dos gráficos 4 e 5 abaixo:

Gráfico 3 – Percentual de crianças desnutridas ao nascer no DF



Fonte: CODEPLAN (2012, p. 38)

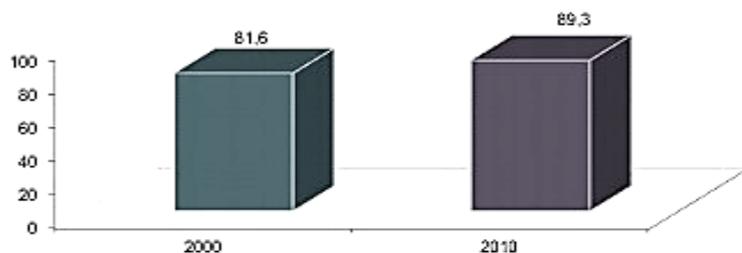
Gráfico 4 – Taxa de mortalidade infantil no DF



Fonte: CODEPLAN (2012, p. 39)

No DF o cenário relativo ao baixo peso é bastante admirável devido à redução dessas taxas de mortalidade e desnutrição infantil, principalmente quando aliado ao aleitamento materno e acompanhamento pré-natal com fomento das políticas de conscientização a população. “Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), proporções elevadas de nascidos vivos de baixo peso estão associadas, em geral, a baixos níveis de desenvolvimento socioeconômico e de assistência materno-infantil” (CODEPLAN, SAN-DF, 2012, p.37).

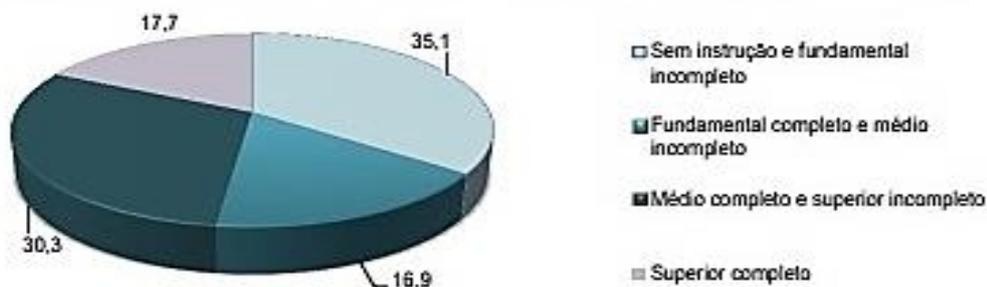
Gráfico 5 – Percentual de bebês até 4 meses de idade com aleitamento materno exclusivo no DF



Fonte: CODEPLAN (2012, p. 38)

Em relação a questão educação, de acordo com a CODEPLAN (2012), “o Brasil ocupa o 53º lugar, dentre 65 países avaliados”, porém, mesmo que o cenário seja desanimador, o DF apresenta uma das maiores taxas de escolaridade do país e este é um dos fatores contribuintes para a determinação da SAN. A seguir, o gráfico 6 e as tabelas 10 e 11 trazem dados sobre o nível de educação formal do DF em relação ao resto do Brasil:

Gráfico 6 – Percentual de pessoas com mais de 10 anos por nível de instrução no DF



Fonte: CODEPLAN (2012, p. 38)

Tabela 10 – Nível de instrução da população >10 anos nas principais regiões do Brasil

Município	Sem instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo
Distrito Federal	35,1	16,9	30,3	17,7
Belo Horizonte	35,7	16,7	29,9	17,7
Fortaleza	40,9	18,9	30,4	9,9
Rio de Janeiro	34,3	18,4	30,7	16,6
Salvador	37,5	17,0	34,4	11,1
São Paulo	38,1	18,6	27,0	16,3
Brasil	50,5	17,5	23,6	8,4

Fonte: Codeplan (2012, p. 43)

Tabela 11 – Taxa de alfabetização nas grandes capitais

Município	2000		2010	
	N	%	N	%
Belo Horizonte	1.803.207	95,7	2.039.568	97,3
Rio de Janeiro	4.766.636	95,8	5.403.706	97,2
São Paulo	8.327.045	95,4	9.483.515	96,9
Distrito Federal	1.571.906	94,8	2.109.380	96,7
Salvador	1.902.532	93,8	2.240.880	96,1
Fortaleza	1.547.475	89,4	1.967.333	93,4
Brasil	119.328.353	87,2	147.385.581	91,0

Fonte: CODEPLAN (2012, p. 44)

Assim, é possível notar que Brasília apresenta altas taxas de escolaridade e se estabelece no Brasil como uma das capitais com grande parcela da população com educação de nível superior – concluído ou em andamento – porém, ainda assim, como as tabelas acima demonstram, a taxa de pessoas que não concluíram o ensino fundamental ou que tenham algum tipo de instrução é alta.

A pesquisa pertinente à CODEPLAN e SAN-DF (2012) possibilita um panorama geral em relação a SAN no Distrito Federal como um *todo*, sem levar em consideração as particularidades das regiões administrativas do DF – em especial, a região administrativa do Gama, objeto da presente pesquisa. Portanto, este trabalho buscou dados na pesquisa distrital por amostra de domicílios (PDAD, 2015) com o objetivo de possibilitar a ampliação da discussão sobre as condições necessárias para a realização da SAN levando em consideração também alguns fatores específicos da população do Gama – DF.

Tabela 12 – Evolução de indicadores socioeconômicos – Gama (2011-2015)

Indicadores Socioeconômicos ¹	2011		2013		2015 Gama
	Gama	DF	Gama	DF	
Renda Domiciliar real (a preços de maio 2015)	4.601,70	5.925,46	4.313,66	5.687,26	4.445,52
Renda Per capita real (a preços de maio 2015)	1.296,94	1.683,91	1.260,79	1.689,23	1.396,93
% de moradores analfabetos	2,90	3,71	2,68	1,90	2,27
% de moradores com nível superior completo*	10,31	15,87	9,84	17,27	12,66
% de domicílios com automóvel	61,35	62,86	62,96	66,13	72,78
% de domicílios com TV por assinatura	19,16	24,32	34,26	43,72	53,31
Índice de Gini	0,456	0,510	0,431	0,474	0,462

Fonte: PDAD (2015, p. 4)

A tabela 12 traz alguns dados pertinentes aos indicadores socioeconômicos da população do Gama: em especial os valores referentes a renda familiar e *per capita* da cidade e seus altos valores, indicando que o Gama é uma cidade periférica e em que os bolsões de pobreza³¹ são recorrentes, sim, porém esse perfil socioeconômico não é o único desta região administrativa e trata-la como se fosse pode contribuir para uma análise enviesada entre os dados obtidos e a realidade latente.

³¹ Local onde a maior parte da população não consegue satisfazer suas necessidades básicas por falta de renda, como: alimentação, educação, moradia, entre outras.

Em relação ao perfil educacional, embora o número de pessoas com ensino fundamental incompleto seja maior do que o número de pessoas com o ensino médio completo, como mostra a tabela 13 na página seguinte, é possível inferir que essa população tem mais possibilidades de conhecer os riscos inerentes a uma alimentação deficitária, rica em alimentos processados e ultraprocessados, assim como determinar os fatores de insegurança alimentar em que possam estar envolvidos ou identificá-los.

Tabela 13 – Nível de escolaridade da população do Gama-DF

Nível de Escolaridade	N^o	%
Analfabeto (15 anos ou mais)	3.215	2,27
Sabem ler e escrever (15 anos ou mais)	3.215	2,27
Alfabetização de adultos	55	0,04
Ensino Especial	277	0,20
Maternal e creche	554	0,39
Jardim I e III/Pré-Escolar	2.439	1,72
EJA - Fundamental incompleto	610	0,43
EJA - Fundamental completo	55	0,04
EJA - Médio incompleto	610	0,43
EJA - Médio completo	333	0,23
Fundamental incompleto	46.178	32,53
Fundamental completo	4.601	3,24
Médio incompleto	9.368	6,60
Médio completo	36.367	25,62
Superior incompleto	11.641	8,20
Superior completo	17.295	12,19
Curso de especialização	166	0,12
Mestrado	443	0,31
Doutorado	55	0,04
Crianças de 6 a 14 anos não alfabetizadas	55	0,04
Não sabem	111	0,08
Menor de 6 anos fora da escola	4.268	3,01
Total	141.911	100,00

Fonte: PDAD (2015, p. 24)

As tabelas 14 e 15 tratam do perfil de ocupação, no que diz respeito ao trabalho e as atividades remuneradas, evidenciando que praticamente 45% da população do Gama se encontra em algum emprego remunerado, sendo a atuação no comércio a mais expressiva, seguida de atividades em serviços gerais. Além disso, apenas cerca de 7% da população encontra-se em situação de desemprego.

Tabela 14 – Ocupação da população do Gama-DF

Situação de Atividade	Nº	%	% Maiores de 10 anos
Total	141.911	100,00	
Menor de 10 Anos	13.581	9,57	
Subtotal	128.330	90,43	100,00
Não têm atividade	5.433	3,83	4,23
Têm trabalho remunerado	58.261	41,05	45,40
Aposentadoa	20.233	14,26	15,77
Aposentados trabalhando	166	0,12	0,13
Pensionistas	4.823	3,40	3,76
Do lar	9.923	6,99	7,73
Desempregados	9.313	6,56	7,26
Estudantes	20.178	14,22	15,72
Trabalho voluntário	0	0,00	0,00

Fonte: PDAD (2015, p. 30)

Tabela 15 – Setores de atividade remunerada da população do Gama-DF

Setor de Atividade Remunerada	Nº	%
Agropecuária	222	0,38
Construção civil	2.772	4,74
Indústria	222	0,38
Comércio	15.577	26,67
Empresa Pública Federal	1.109	1,90
Empresa Pública Distrital	2.716	4,65
Administração Pública Federal	3.326	5,69
Administração Pública Distrital	5.044	8,63
Transporte e armazenagem	1.774	3,04
Comunicação e informação	2.993	5,12
Educação	2.605	4,46
Saúde	2.883	4,93
Serviços domésticos	1.663	2,85
Serviços pessoais	2.106	3,60
Serviços creditícios e financeiros	998	1,71
Serviços imobiliários	111	0,19
Serviços gerais	12.085	20,68
Administração Pública de Goiás	222	0,38
Não sabe	0	0,00
Total	58.428	100,00

Fonte: PDAD (2015, p. 30)

A partir desses dados é possível depreender que essa população possui meios econômicos que permitem o emprego de alimentos mais adequados a uma dieta alimentar saudável, rica em alimentos *in natura* e adequados para o consumo.

O resumo do PDAD (2015) traz ainda informações quanto ao acesso da população à água, energia elétrica e esgotamento sanitário, conforme as tabelas 16, 17 e 18 a seguir:

Tabela 16: Acesso à água nos domicílios do Gama-DF

Tipo de Abastecimento de Água	N ^o	%
Rede Geral - Caesb	41.520	95,29
Poço/Cisterna	1.441	3,31
Poço Artesiano	610	1,40
Outros	0	0,00
Total	43.571	100,00

Fonte: PDAD (2015, p. 40)

Tabela 17: Acesso à energia elétrica nos domicílios do Gama-DF

Tipo de Abastecimento de Energia Elétrica	N ^o	%
Rede Geral - CEB	43.183	99,11
Próprio (Gerador, Bateria)	0	0,00
Gambiarra	388	0,89
Outros	0	0,00
Total	43.571	100,00

Fonte: PDAD (2015, p. 40)

Tabela 18: Acesso à esgotamento sanitário nos domicílios do Gama-DF

Tipo de Esgotamento	N ^o	%
Rede Geral - Caesb	39.690	91,09
Fossa séptica	2.661	6,11
Fossa rudimentar	1.220	2,80
Esgotamento a céu aberto	0	0,00
Outros	0	0,00
Total	43.571	100,00

Fonte: PDAD (2015, p. 40)

Em relação aos dados do resumo do PDAD (2015, p. 40), é possível notar que a cidade possui uma boa infraestrutura, tendo mais de 90% do acesso de esgoto, água e energia nos domicílios pesquisados, sendo que, em relação ao esgotamento sanitário, ainda sejam encontrados cerca de 2% que possuem fossa rudimentar.

Para este trabalho, é importante traçar o perfil socioeconômico da população do Gama porque, como já frisado anteriormente, o cenário punk brasileiro possui suas peculiaridades, inclusive questionadas por muitos envolvidos com o movimento punk, pois a ideia de que os punks brasileiros são abastados ainda é presente no imaginário das pessoas, quando na verdade eles apenas estão inseridos numa dinâmica da cidade que, de uma maneira geral, oferta salários maiores do que no restante do país. Porém, vale lembrar que os domicílios das amostras não são necessariamente compostos por punks em sua configuração familiar.

É vital frisar que esses dados, no que diz respeito ao cenário punk, só contribuem para que os estereótipos sejam reforçados tendo em vista que o PDAD tem como intenção realizar uma pesquisa focada na população em geral e não sobre um grupo específico, como seria o movimento punk, mas mesmo assim é necessária a análise destes dados para a realização de

uma leitura geral sobre a questão da segurança alimentar e nutricional na cidade e que, de alguma maneira, acaba afetando os domicílios que tenham em sua composição indivíduos punks.

Recorrendo uma vez mais ao documentário *Cooked* (2016), os apontamentos apresentados pelos autores são bastante pertinentes quando analisados como forma de sistematizar mecanismos palpáveis de resistência contra um tipo de indústria alimentícia que prioriza o lucro em detrimento da vida humana. Cada indivíduo tem contribuído sobremaneira com o ato do cozinhar despossuído de afeto e lembranças culinárias, permitindo que grandes corporações transformem as pessoas em consumidores passivos da alimentação.

Quanto mais tecnologias envolvidas em nossas vidas, menos tempo se gasta na cozinha com o preparo do próprio alimento. Os produtos processados e ultraprocessados já são uma realidade presente em muitas de nossas refeições e a falta de tempo, tem contribuído para o distanciamento nas relações comensais. A transformação dos sabores ficou a cargo da ciência e ao *umami*,³² considerado o quinto sabor reconhecido pelo nosso paladar.

Os alimentos processados passam a compor a mesa no período do pós-guerra com o objetivo de aproveitamento dos produtos enlatados enviados aos soldados durante a guerra, uma vez que a durabilidade é muito maior – comparada a um produto *in natura* – e a praticidade na sua utilização também, já que estavam prontos para serem consumidos. As grandes mídias, em parceria com grandes empresas, iniciam um trabalho de marketing direcionado para a cultura de criação de novos hábitos e não demorou para que comerciais incentivando o uso desses produtos se espalhassem.

A ideia marcante para o repasse desse produto, além da durabilidade e sabor, são as determinações presentes no modo de produção capitalista, em que a máxima do “*tempo é dinheiro*”, que invadem e passam a comandar também a forma de se alimentar da população. Obviamente, a rentabilidade na comercialização desse tipo de alimento é muito mais alta, assim como os problemas de saúde decorrentes de seu consumo desenfreado: doenças crônicas como a diabetes e a hipertensão vem acometendo cada vez mais, tanto adultos quanto crianças.

A indústria tem transformado a alimentação natural em algo industrializado, pronto para ser vendido, como expressão máxima da modernidade. Um outro ponto observado por Pollan

³² Umami é o quinto gosto básico, que apesar de ter sido descoberto há mais de um século, só foi reconhecido muito recentemente no meio científico. É possível identificá-lo nos alimentos que possuem substâncias como aminoácidos livres (principalmente ácido glutâmico ou glutamato) e nucleotídeos (inosinato e guanilato).

(2016) é o fato de estarmos nos distanciando da tarefa de cozinhar e isso contribui para o afastamento da nossa cultura alimentar, ainda que cozinhar seja um ato considerado muitas vezes como uma tarefa sem importância, é, sem dúvida, o mais valioso compartilhamento que podemos fazer como humanos e é por isso que fazer cozinha é considerado um ato de amor.

Com o intuito de orientar a população, o Ministério da Saúde lançou em 2014 o Guia Alimentar para a População Brasileira, no qual apresenta um conjunto de informações e recomendações sobre alimentação com o objetivo de promoção da saúde por meio da alimentação. De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, são identificadas quatro categorias de alimentos:

- Alimentos *in natura* ou minimamente processados;
- Alimentos extraídos de alimentos *in natura*;
- Alimentos processados;
- Alimentos ultraprocessados;

Os alimentos *in natura* fazem parte da primeira categoria a ser analisada e são obtidos diretamente das plantas (folhas e frutos) ou dos animais (ovos e leite), além de não passarem por nenhum tipo de processamento. No entanto, há alimentos *in natura* minimamente processados, isto é, sofrem alguma alteração antes de seguir para o consumo como ocorre, por exemplo, com os grãos secos, arroz e feijão, que podem ser polidos, transformados em farinhas ou massas, além da carne que pode sofrer os cortes (resfriados ou congelados), bem como o processo de pasteurização, fermentação ou de confecção do iogurte, para o leite, entre outros processos que esses produtos podem sofrer.

O produto alimentício ser *in natura* ou minimamente processado não garante sua qualidade, ao contrário, quando a qualidade do alimento é avaliada, outros fatores devem ser considerados: no caso do alimento *in natura*, devem ser observadas as condições de cultivo, pois o uso indiscriminado de agrotóxico pode causar sua contaminação, ou ainda fatores relacionados à localização da área cultivada.

A segunda categoria corresponde aos produtos extraídos de alimentos *in natura*: óleos, gorduras, sal e açúcar, que são utilizados no preparo de alimentos *in natura* e minimamente processados. No guia, é recomendado o uso moderado desses produtos garantindo assim o sabor e o equilíbrio nutricional e alimentar adequado.

A terceira categoria representa os alimentos processados, fabricados a partir de alimentos *in natura* ou minimamente processados com adição de açúcar ou sal. Para essa categoria, a recomendação é de consumo limitado, pequenas porções, pois os ingredientes e métodos utilizados na fabricação desses alimentos alteram a composição nutricional do alimento do qual derivam (*in natura* ou minimamente processado) e podem desencadear doenças do coração, obesidade e doenças crônicas.

Alguns exemplos de alimentos processados são as conservas em salmoura ou solução de sal e vinagre, frutas com calda de açúcar, carnes e peixes com adição de sal ou óleo, pães feitos de farinha de trigo, água e sal, entre outros. O processamento industrial tem como objetivo prolongar a duração do alimento e torná-lo mais agradável ao paladar. Esse processo contribui também para a transformação do alimento de baixa ou média caloria em um alimento altamente calórico, cujo consumo excessivo está diretamente ligado ao risco de obesidade e outras doenças crônicas não transmissíveis.

Por último, a categoria dos alimentos ultraprocessados é constituída por produtos extremamente calóricos e com baixo teor nutricional e, portanto, o consumo desses alimentos deve ser evitado. São exemplos dessa categoria os biscoitos recheados, salgadinhos, macarrão instantâneo, as bebidas gasosas, entre outros. São alimentos que agradam o paladar pela combinação de ingredientes (açúcares, gorduras/óleos, corantes, conservantes, sabores artificiais, entre outros), porém a proporção de alimentos *in natura* nos ultraprocessados é muito reduzida, tornando o alimento quase que artificial.

O Guia Alimentar para a População Brasileira traz uma série de recomendações quanto ao não consumo desses alimentos por serem ricos em gorduras (tendem a obstruir as artérias), óleos (ricos em gorduras saturadas, hidrogenadas), além da gordura trans (que divide opiniões sobre os riscos que podem causar à saúde), açúcares, além de apresentar altos teores de sódio (responsáveis pelo aumento da durabilidade do produto e camuflar sabores indesejáveis), aumentando consideravelmente os riscos das deficiências nutricionais. O guia chama atenção para a oferta crescente de produtos denominados *light* ou *diet*, cuja formulação não apresenta benefícios claros. Ressalta ainda que os alimentos ultraprocessados erroneamente são vistos como alimentos saudáveis em decorrência da publicidade que alega vantagens em relação à adição de vitaminas e minerais em muitos desses alimentos.

É importante sinalizar a necessidade de um controle de qualidade de alimentos que tenha

como objetivo a prevenção da contaminação do alimento em todas as etapas do processo produtivo, seja no abate, plantio, colheita, transporte, armazenamento ou distribuição. O controle deve alcançar qualquer estabelecimento que manipule e realize a venda de alimentos, seja ele *in natura*, processado ou ultraprocessado.

A Segurança Alimentar e Nutricional e a Saúde devem considerar o usuário em sua totalidade, buscando garantir a intersetorialidade das ações individuais ou coletivas através de parcerias com outros setores como habitação, educação, entre outros, propiciando mecanismos que possibilitem um maior envolvimento da sociedade nas políticas. Por isso:

A alimentação e nutrição estão presentes na legislação recente do Estado Brasileiro, com destaque para a Lei 8.080, de 19/09/1990 (BRASIL, 1990), que entende a alimentação como um fator condicionante e determinante da saúde e que as ações de alimentação e nutrição devem ser desempenhadas de forma transversal às ações de saúde, em caráter complementar e com formulação, execução e avaliação dentro das atividades e responsabilidades do sistema de saúde. (PNAN, 2013, p.10).

Nesse sentido, o controle social e a atuação dos movimentos sociais (que passam de reivindicativos e contestatórios, para proativos e propositivos), além de necessários, reafirmam a importância da sociedade nas pautas que versam sobre assuntos de seu interesse, como é o caso da PNAN:

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) tem como propósito a melhoria das condições de alimentação, nutrição e saúde da população brasileira, mediante a promoção de práticas alimentares adequadas e saudáveis, a vigilância alimentar e nutricional, a prevenção e o cuidado integral dos agravos relacionados à alimentação e nutrição. (PNAN, 2012, p.21).

O Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), criado em 2006 pela LOSAN (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, lei nº 11.346/2006), tem como objetivo garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), sendo desta forma um forte aliado no controle social exercido pela sociedade. O protagonismo da sociedade na luta por seus direitos deve ser sempre garantido, reconhecido e incentivado.

Esta Lei estabelece as definições, princípios, diretrizes, objetivos e composição do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN, por meio do qual o poder público, com a participação da sociedade civil organizada, formulará e implementará políticas, planos, programas e ações com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada. (Lei

nº 11.346/ 2006, art 1º).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é um órgão estatal sediado no Distrito Federal, criada pela lei 9782/99, com atuação em todo o território nacional, tendo como objetivo proporcionar a proteção da saúde da sociedade a partir do monitoramento da qualidade sanitária dos alimentos na fase do processo produtivo e na sua rotulagem aplicando as medidas legais quando necessário. De acordo com o site da ANVISA, o Programa Nacional de Monitoramento da Qualidade Sanitária de Alimentos (PNMQSA), tem sido desenvolvido desde o ano 2000, com o objetivo de controle e fiscalização de diversos produtos alimentícios e análise sanitária. É um programa de atuação nacional que possibilita identificar os setores que necessitam de intervenção institucional de caráter preventivo.

O monitoramento da qualidade dos alimentos deve considerar aspectos sanitários, como o microbiológico e o toxicológico, e do seu perfil nutricional, como teores de macro e micronutrientes, articulando-se com as estratégias de fortificação obrigatória de alimentos e de reformulação do perfil nutricional de alimentos processados com vistas à redução de gorduras, açúcares e sódio. (PNAN, 2012, p.49).

Ainda de acordo com o site, as ações de vigilância sanitária relacionadas a intervenções são realizadas tendo como referência três componentes da análise de risco (ferramenta importante para o programa de monitoramento): avaliação (perigos envolvidos nos alimentos monitorados), caracterização e comunicação do risco (informação da qualidade higiênico-sanitária dos alimentos), buscando promover a segurança dos alimentos e proteção à saúde das pessoas. Existem alguns critérios para a seleção das categorias analisadas como: elevado consumo por parte da população, disponibilidade no mercado local, histórico de frequentes irregularidades, entre outras.

A Resolução RDC nº 216/04 publicada pela ANVISA, determina o Regulamento Técnico de Boas Práticas para Serviços de Alimentação, que passa a ter validade também nos serviços de saúde, ampliando o seu âmbito de atuação. A norma da ABNT NBR 15635/ 2015 sobre Serviços de Alimentação- Requisitos de Boas Práticas Higiênico-Sanitárias e Controles Operacionais Essenciais, classifica os requisitos a serem seguidos por estabelecimentos alimentares – como padarias, restaurantes, entre outros – que desejam comprovar sua condição higiênico-sanitária como adequada para o consumo. Outro importante aliado no processo de minorar os riscos provenientes de uma alimentação sem a qualidade necessária para que se

tenha um adequado desenvolvimento humano, é o Ministério da Saúde, que tem tido um importante papel na pactuação de metas com os grandes empresários/ indústria.

3. CAPÍTULO III

No capítulo anterior, a presente pesquisa buscou aproximar e identificar uma conceituação possível sobre SAN, como essa se manifesta no DF e alguns traços de como se relaciona com a realidade punk. Neste capítulo é vital cingir, mas não esgotar, o diálogo entre a SAN e as contradições existentes entre o capitalismo e o movimento punk. É importante salientar que, apesar de esta ser uma pesquisa pautada em um levantamento bibliográfico, visando somar no debate sobre a SAN e uma aproximação com o movimento punk, as produções acadêmicas encontradas sobre o assunto foram praticamente inexistentes, tornando necessário recorrer ao aporte teórico do próprio punk, através de suas publicações realizadas por meio de fanzines, bem como na construção de diálogos informais com seus integrantes para que fosse possível a construção deste trabalho. É necessário salientar que o movimento punk, em uma perspectiva integrante dos movimentos sociais que se fazem presentes na sociedade, vem passando por um profundo processo de silenciamento diante das pautas, limitando seu protagonismo frente as demandas das expressões da questão social a qual é constantemente submetido.

3.1. O movimento punk brasiliense e os imbricamentos com a segurança alimentar e nutricional

Essa pesquisa teve como finalidade a realização de um levantamento bibliográfico sobre o tema da alimentação e sua correlação com o movimento punk. No entanto, como já discutido anteriormente, as produções encontradas estão geralmente voltadas para as questões referentes ao vegetarianismo, veganismo e produção de espaços que possibilitem uma investida numa alimentação minimamente autossustentável.

A construção desse estudo também levou em consideração conversas informais com algumas pessoas envolvidas com o cenário punk para a construção de uma análise sobre o tema, no entanto, é clara a necessidade de uma pesquisa *in loco* para realização de um levantamento mais fidedigno em relação a alguns determinantes que só serão possíveis a partir de entrevistas cercadas dos cuidados éticos necessários para sua realização, como o termo de consentimento livre e esclarecido e a aprovação da pesquisa em campo pelo comitê de ética da universidade. Por isto esta pesquisa utilizou fanzines e conversas com integrantes do movimento punk para tentar coletar dados sobre o modo de vida e hábitos alimentares desse grupo.

Como já explicitado nos capítulos anteriores, o movimento punk surgiu como

contracultura, tentando fazer oposição às estruturas capitalistas e consumistas presentes na sociedade. Neste viés, o punk adquire uma roupagem de ativismo social, conforme o fanzine Spell Work destaca:

Ser ativista basicamente é se mover além dos formatos impostos pela sociedade de nossos tempos, estes estabelecidos e norteados simplesmente pelo capitalismo/ consumismo. Quase sempre os ativismos surgem das necessidades de lutar contra e transformar aspectos que oprimem, limitam. Fazer fanzines é, em minha opinião um clássico exemplo de ativismo. (CURTIS, 2011).

O propósito original dessa pesquisa é conhecer os padrões alimentares dos punks e identificar como, quando e de que forma essa alimentação se dá nos espaços coletivos e privados. Primeiramente, é necessário compreender que aparentemente não existe uma regra pré-determinada em relação a espaços e alimentos consumidos por esse grupo. No entanto, algumas reflexões sobre o tema já foram citadas, como por exemplo o fato de que alguns agrupamentos ou indivíduos punks tenham uma predileção pelo não consumo de animais não humanos e seus produtos derivados, a busca por uma construção coletiva que prioriza a produção de alimentos para a realização de um consumo auto sustentável, já tratados anteriormente e que, entre tantas outras proposições, dentro das possibilidades do punk não se esgotam e não se encerram no enfrentamento das contradições de uma vivência que se pretende autônoma numa conjuntura capitalista.

No geral, a alimentação desse grupo está baseada no clássico alimentar, arroz e feijão, na culinária típica do cerrado (pequi, baru, mangaba) e na influência alimentar presente na conformação do caldo cultural que se mistura do norte ao nordeste do país a partir da construção de Brasília o explica a enorme variedade gastronômica da região. Supõe-se que, como a grande maioria da população, o local em que os punks realizem o ato de comer geralmente em seu próprio domicílio, uma vez que se torna bastante dispendiosa uma alimentação exclusivamente feita fora de casa, posto que, como já tratado anteriormente, alguns determinantes sociais estão presentes nesta relação, como é o caso das condições monetárias insuficientes para a realização de uma alimentação num ambiente externo corriqueiramente, tendo em vista o alto custo que isso acarreta e a posição que grande partes dos punk ocupam nessa sociedade de classes.

Porém, quando a necessidade de se alimentar em outro local que não a própria residência se manifesta é possível a escolha por bares, lanchonetes, quiosques, feiras permanentes ou

restaurantes que tenham refeições com valores acessíveis. Uma opção de alimentação de custo baixo no Gama é o Restaurante Comunitário, um equipamento público de SAN que, de acordo com o relatório da CODEPLAN (2018) objetiva “garantir aos trabalhadores de baixa renda e à população em situação de vulnerabilidade social a oferta de alimentação saudável a preços acessíveis”, além de proporcionar uma alimentação adequada e respeitar os hábitos alimentares e as características culturais da cidade.

Um dado frequentemente encontrado nas publicações produzidas pelo movimento punk diz respeito a presença de pessoas do próprio movimento que, na iminência de eventos voltados para a comunidade punk, seja shows, encontros, entre outros, realizam o comércio de alimentos como: salgados fritos e/ou assados, sanduíches (em sua maioria vegetarianos ou veganos), bebidas não alcoólicas, numa produção alimentar realizada pelos punks e para os punks durante os eventos. No geral, a justificativa para esse comércio é a manutenção dos próprios espaços destinados aos eventos, encontros e atividades punks ou até mesmo o repasse do valor arrecadado a alguém do movimento que esteja em situação de vulnerabilidade social. É bastante comum eventos destinados e solidários a causas sociais como arrecadação de alimentos não perecíveis, brinquedos, alimentos para cães e gatos, entre outros.

A própria dinâmica da cidade propicia um isolamento setorial das pessoas, principalmente na periferia, uma vez que a rede de transporte urbano é insuficiente e ineficiente na garantia do pleno direito de ir e vir, dificultando sobremaneira as possíveis articulações entre os punks nas regiões administrativas do Distrito Federal e de Brasília que possuam algum tipo de afinidade política, ideológica, filosófica ou de vivência e queiram construir um espaço específico para a realização de encontros. O que se percebe é a construção de pequenos espaços individuais, pensados na redução de danos ao meio ambiente, com a produção de alimentos para o consumo próprio, tendo em vista a dificuldade material de atuar em coletividade na cidade.

3.2. O movimento punk e as relações contraditórias no capital

O movimento punk se inscreve num cenário em que as concepções políticas, ideológicas e filosóficas são basilares na construção de uma identidade punk que possibilite a interação e o desenvolvimento de atividades conjuntas a partir das afinidades ideológicas existentes.

Para ser punk, não é preciso ser a favor da anarquia “nem de porra nenhuma,

mas punk não é só música, senão seria igual a *discoteque*, apenas outro ritmo. O punk é uma ideologia de vida, não é moda”, “e anarquia não quer dizer violência, fazer essa confusão é o mesmo que dizer que o punk e rock são iguais. (OLIVEIRA, 2006, p.51).

No entanto, antevendo as precipitações que possam ocorrer diante da escolha dessa pesquisa de utilizar uma leitura que se inscreve tanto no anarquismo como no marxismo – uma vez que as leituras sobre o punk sejam feitas utilizando um viés majoritariamente anarquista – a aposta é que as afinidades revolucionárias sejam capazes de minorar os ranços existentes que possam prejudicar o estudo a partir de uma desqualificação advinda de divergências.

Não é possível definir o que é o verdadeiro punk se não estivermos atentos ao anarquismo, tema comum em muitos fanzines. Porém esse anarquismo não é muito claro. Assim, os zines tentam definir e difundir uma ideia do que é o anarquismo, indo do senso comum até as leituras e resenhas. Ainda não é uma formulação teórica que busca vencer as contradições sociais, econômicas e políticas apontando para uma nova sociedade. As concepções vão da “utopia” no sentido pejorativo, algo não realizável, passando pela “prática de vida” anarcopunk, grupos de punks anarquistas que se organizam dentro do movimento tentando adotar um modo de vida anarquista, divulgando isso dentro e fora do momento, associando-se a outros movimentos e agentes sociais.” (OLIVEIRA, 2006, p.51)

A crítica é necessária e tem o objetivo de despertar, a partir das reflexões aqui propostas, uma outra perspectiva futura de trabalho acadêmico, similar, crítica ou que supere as lacunas que esta pesquisa deixa. Embora o anarquismo seja um local de fala predominante no punk, também se fazem presentes outras vertentes ideológicas que não somente o anarquismo no leque de possibilidades do movimento punk e que, embora tenham muitas críticas entre si, conseguem dialogar de maneira a transformar suas divergências em lutas compartilhadas no bojo da sociedade.

Um aspecto fundamental do movimento libertário é a recusa incondicional de qualquer tipo de organização política e social baseada na coação, ao lado do desejo e da luta por uma sociedade em que a ordem, a liberdade e a igualdade coincidam. Para atingir tais objetivos, os anarquistas, pelo menos nas correntes majoritárias, baseadas no mutualismo, no cooperativismo e no anarco-comunismo, enfatizam sempre a junção entre os fins e os meios na política, sublinhando que não se pode chegar a fins libertários por vias autoritárias. (SILVA, 2011, p.88).

Os punks são em sua maioria pertencentes às classes menos privilegiadas da sociedade, não possuem riquezas sociais e os meios de produção. Eles têm uma relação conflituosa com o

Estado, uma vez que estão inseridos dentro da lógica capitalista de relações, mesmo que as intenções de ruptura se façam presentes, numa espécie de redução de danos, estas não são totalmente suficientes para um rompimento definitivo com essas relações contraditórias que se estabelecem. No que diz respeito a manutenção da sobrevivência e as relações que os punks estabelecem com o mundo trabalho, as pessoas seguem vários direcionamentos, porém seria necessária uma ida a campo para que os dados coletados possibilitassem uma leitura mais aproximada dessa realidade.

Para que seja possível a construção de um entendimento sobre as relações contraditórias existente entre a realidade punk e o capital, é indispensável abordar os aspectos pertinentes ao estágio mais avançado do capital, ou seja, o imperialismo. Primeiramente, deve ser feita uma análise dos antigos modos de produção para que seja possível traçar um paralelo entre eles. Segundo G. Kozlov (1981), é possível analisar as divisões dos modos de produção pré-capitalistas se atendo às peculiaridades de cada um deles: comunidade primitiva, escravismo e feudalismo. Nas comunidades primitivas, os meios de produção eram comunitários, as produções eram cooperativadas e a ideia de propriedade privada dos meios de produção não se fazia presente, assim como a ideia de classes sociais.

A primeira divisão da sociedade em classes se dá na sociedade escravocrata: escravos e escravistas. Neste modo de produção se faz presente a exploração do homem pelo homem e se estabelece aqui o conceito de propriedade privada com as terras sendo concentradas cada vez mais nas mãos dos escravistas. Com esta configuração social, surge o Estado e este estará a serviço das classes dominantes como instrumento de opressão e exploração. O modo de produção escravista entra em declínio e é neste momento que uma nova configuração social passa a ser vigorada: o modo de produção feudal. Este modo de produção é marcado pelas relações entre senhor e servo.

Os senhores eram os donos das terras que os servos trabalhavam. Os camponeses eram obrigados a pagar pelo uso desta terra ao senhor dono do feudo, assim dividindo seu tempo de trabalho na produção de produtos necessários à sua sobrevivência e mais uma parte “excedente” para o senhor feudal, sendo constantemente vigiados e violentamente impelidos a produzir. A passagem do feudalismo para o capitalismo se dá com o surgimento da divisão social do trabalho aliado ao crescimento da produção. Nesse período de acumulação primitiva do capital, houve expropriação das terras habitadas e cultivadas pelos camponeses que se viram

despossuídos, pobres e sem perspectivas, assim como a concentração de terras e dinheiro nas mãos de poucos (dinheiro esse conquistado através da venda de escravos, comércio colonial e por meio da usura), caracterizando este processo como violento fruto desse modo de produção.

Essa divisão conduz à especialização das atividades e, ao mesmo tempo, à destruição dos saberes de ofício que permitiam ao trabalhador o conhecimento técnico do conjunto das operações necessárias à produção de certo bem; alocado a uma única e determinada tarefa, que repetirá ao longo de todas as jornadas de trabalho, o trabalhador será despojado dos seus conhecimentos e perderá o controle de suas tarefas (e, portanto, perderá muito do seu poder de barganha em face do capitalista). (NETTO e BRAZ, 2012, p. 125).

O mundo passa a ser dividido pela contradição da luta de classes. Sucessivas são as transformações vividas pelo capital e seu estágio superior se fará presente através do imperialismo. O estágio inicial do capitalismo, chamado de comercial ou mercantil (pela possibilidade de concorrência entre pequenos e médios capitalista), foi decisivo para o controle da produção de mercadorias e, com a expansão marítima, há a tendência de mundialização do capital. O segundo estágio do capitalismo, o concorrencial, nasce sobre a base da grande indústria e o corrente processo de urbanização criando um mercado mundial. A circulação de mercadorias tem a função de conectar o mundo aos centros capitalistas fazendo com que essa seja a principal ligação entre os países. Aqui surgem as lutas de classes, fundadas na relação capital trabalho, e as funções do Estado burguês eram basicamente de repressão e manutenção da ordem pública com mínimas prerrogativas econômicas intervindo no exclusivo interesse do capital. A burguesia nasce como classe revolucionária e seus interesses se unem com os das massas populacionais, posteriormente convertidas na classe conservadora com objetivo de manter as relações sociais estabelecida na propriedade privada.

A concentração de capitais traz um processo intenso de acumulação capaz de gerar grandes empresas, assim como a aglutinação de capitais previamente existentes traz a centralização desses capitais, um exemplo disto é o que vem acontecendo com as pequenas empresas no Distrito Federal: as maiores acabam liquidando as menores e centralizando seus serviços. Dois processos se fizeram dignos de atenção nos últimos trinta anos do século XIX: o surgimento dos monopólios através da concentração e centralização dos capitais e a modificação do papel dos bancos.

O capitalismo monopolista se estabelece estendendo sua dominação por várias partes do mundo mudando o aspecto do capitalismo. O capital financeiro tem papel decisivo no estágio

imperialista, também chamado de capitalismo monopolista. O imperialismo é visto como uma fase superior do capitalismo e detentor dos seguintes traços: concentração da produção e do capital, fusão do capital bancário com o capital industrial, exportação de capitais, formação de associações internacionais monopolistas e a partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas.

O Estado burguês se encarrega da organização da economia para que, dessa forma, possa minimizar os efeitos das crises sobre a economia capitalista sendo este um importante papel do Estado. Existe um pequeno número de empresas que controla a economia mundial fazendo com que a exportação de capitais passe a ter ainda maior importância dentro desse cenário. Essa exportação de capitais se realiza de duas formas: capital de empréstimos (crédito a juros para governos ou capitalistas de outros países) e capital produtivo, que é quando as indústrias se instalam em outros países estimulando a exportação de capitais dirigidas dos países centrais para os periféricos, estabelecendo uma relação de domínio e exploração na chamada partilha do mundo a qual os países centrais subordinam seus interesses não eliminando a concorrência entre monopólios, mas trazendo limites temporários a estes num processo de verdadeira recolonização.

No imperialismo, a concorrência ocorre entre os grandes, o domínio do capital monopolista, a exportação de capitais e a divisão territorial, política, econômica são algumas de suas expressões. Netto e Braz (2012) explicitam a questão das guerras operadas em prol da partilha territorial uma vez que já não existiam territórios passíveis de livre dominação. Nesse sentido qualquer tentativa de expansão seria passível de confronto e é nesse contexto que se eclodem as guerras como forma extrema de divisão do mundo.

O papel da indústria bélica na fase do imperialismo é componente fundamental para a economia sob a ótica da permanente corrida armamentista que se insere na condição de funcionar como contentora das crises e como paliativo no processo de superacumulação. O fascismo é um regime ideal para a dominação dos monopólios, oferecendo força de trabalho escrava ao capital, terrorismo de Estado em relação aos trabalhadores, militarizando a vida social e fazendo grandes investimentos na indústria bélica.

É evidente que a indústria bélica envolve interesses econômicos e políticos de enorme magnitude, mormente porque a sua clientela básica são os Estados, de cujos orçamentos os monopólios vinculados à produção de armas passam a depender. Por isso mesmo, é constante a pressão que os monopólios realizam

sobre os Estados, no sentido de estimular um clima de belicismo e militarismo- interessa a tais monopólios a existência de “inimigos externos”, capazes de justificar uma permanente corrida armamentista (NETTO e BRAZ, 2012, p. 198).

O desenvolvimento do capitalismo acontece de forma desigual e combinada, dadas as razões históricas, políticas e sociais a que este está inserido. O objetivo dos monopólios é de obter lucros acima da média (com o uso de um preço muito maior que o de mercado e pela apropriação da mais-valia impondo que outros capitalistas menores coloquem suas mercadorias a preços menores) e o cuidado para não ter queda desta taxa de lucro. O imperialismo, desde seu surgimento, passa por três fases: a clássica, os anos dourados e o capitalismo contemporâneo. Na fase clássica do imperialismo o desenvolvimento das forças produtivas através do taylorismo/fordismo traz um forte desenvolvimento dos modos de produção e se “universalizando nos anos dourados do imperialismo” se tornaram padrão para toda produção industrial.

A crise de 1929 evidenciou a necessidade de intervenção do Estado na economia afirmando o caráter antidemocrático do Estado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo monopolista viveu as três décadas gloriosas, chamadas de anos de ouro do capital, fortemente inspiradas pelas ideias keynesianas trazendo mudanças importantes na economia imperialista: como a exportação dos capitais e a produção massiva das mercadorias combatendo o desperdício na produção e reduzindo o tempo e aumentando o ritmo de trabalho (padrão taylorista/ fordista de produção) que aumentava significativamente a exploração do trabalhador com a fragmentação do trabalho fazendo com que o trabalhador fosse apenas um apêndice da máquina. As taxas de mais valia são absurdamente extraídas nesse modo de produção uma vez que a “esteira da fábrica” é quem dita o ritmo do trabalho reduzido a uma ação repetitiva e mecânica.

O padrão taylorista/fordista se vinculou à hegemonia dos Estados Unidos que passa a expandir o modo de vida americano buscando a dominação dos meios de manifestação de ideias pelo capital. O crédito ao consumidor, a inflação e o enorme crescimento do setor terciário são traços do imperialismo nos anos dourados. Em relação à inflação, podemos dizer que o Estado, quando tem gastos que são além do que se arrecada, emite mais papel moeda, o que corresponde sua reserva em ouro fazendo com que a moeda seja desvalorizada e assegurando o volume de capitais fictícios, ainda de acordo com Netto e Braz (2012), “o estágio imperialista não

apresenta qualquer solução efetiva para nenhuma das contradições imanentes ao modo de produção capitalista.”.

Sob a perspectiva da conjuntura já demonstrada acima, não se pode pensar no Imperialismo sem a atuação permanente do Estado, que controla setores básicos da economia, oferecendo subsídios aos monopólios e pode ainda funcionar como avaliador ou gerenciador das relações sociais inexistindo a possibilidade traços de neutralidade por parte dele. Embora a ética moral burguesa trabalhe com a ideia de inexistência da luta de classes, o controle social do Estado traz a ideia de que é o povo quem comanda as relações, dando luz à falácia de que o poder emana do povo, reafirmando a ideologia da autonomia do povo e fazendo com que os trabalhadores se perpetuem nesse contexto de total aprisionamento da consciência. A mundialização da economia atrapalha profundamente quando atinge diretamente o trabalhador, uma vez que a exploração se dará em maior grau em países que as leis trabalhistas não sejam tão fortemente amarradas. O Estado contribui com a abertura fiscal fazendo com que vários países acabem instalando suas indústrias no Brasil dando garantias de isenção do fisco para atuarem no país por longos períodos de tempo.

As novas regras do imperialismo fazem com que as empresas procurem os lugares mais vantajosos para sua reprodução e que tragam uma possibilidade de produção mais barata, sem muita concorrência ou isenções fiscais. A história do capitalismo é marcada por uma sucessão de crises econômicas que, num dado momento, experimenta longas ondas de expansão e no momento seguinte profunda depressão, falência, desemprego e miséria. Essas crises eram mais ou menos localizadas, mas passaram a ganhar dimensão mundial a partir da mundialização da economia. Crises como a de 1929 delimitam bem esse processo dinâmico do sistema capitalista. Com as instituições supranacionais e nacionais, o impacto das crises é diminuído, o que demonstra o redimensionamento da atuação do Estado na dinâmica econômica.

De acordo com Netto e Braz (2012), ao contrário do que muitos pensam, as crises não são um “acidente de percurso”, muito menos uma anomalia do sistema uma vez que essas crises são inerentes ao modo de produção capitalista. As crises também ocorrem em sociedades em que esse modo de produção não é predominante como nas sociedades pré-capitalistas em que o desequilíbrio da produção causava pobreza e miséria ocasionadas por grandes epidemias (desastres naturais) ou pelas guerras (catástrofes sociais). Cada crise é diferente e, nas crises capitalistas, a oferta de mercadorias é sempre maior que a demanda. Quando se investe dinheiro

para produção de uma determinada mercadoria o objetivo maior é o de conseguir mais dinheiro do que investiu e durante a crise a uma interrupção desse sistema fazendo com a taxa de lucro caia e a crise se torne generalizada.

As crises podem ser separadas em quatro fases: a primeira fase é a crise, que pode se dar por um acontecimento econômico ou político qualquer fazendo com que os salários caiam, as empresas quebrem, levando os trabalhadores a um processo de pauperização. Na segunda fase, chamada de depressão, a produção fica estagnada e as mercadorias estocadas ou vendidas a preços baixos. Em seguida vem à terceira fase compreendida pela retomada com a restauração da produção, enquanto que, na quarta e última fase. o auge (prosperidade) da concorrência faz com que os capitalistas abram novas linhas de produção até que apareça algum detonador e todo o circuito recomeça (o detonador não é causa da crise). Alguns fatores traduzem muito bem essa dinâmica contraditória do sistema de produção capitalista sendo a anarquia da produção uma delas: situação em que o mercado é tomado por mercadorias sem destinação certa, favorecendo a queda da taxa de juros que se realiza através das crises e o subconsumo das massas limitando sua capacidade de consumo, fazendo com que os trabalhadores sofram muito mais os seus efeitos.

A contradição maior do modo de produção capitalista, segundo Netto e Braz (2012) é o fato de socializar a produção enquanto a apropriação permanece privada criando um enorme excedente apropriado pelos capitalistas, ou seja, por mais socializada a produção, a apropriação desta permanece privada. Essa contradição se expressa através da luta de classes. O capitalismo contemporâneo se inicia nos anos 70 do século XX constituindo a terceira fase do imperialismo. A crise da década de 70 trouxe o fim dos “anos dourados do capital” trazendo mudanças significativas e impactantes no processo de mundialização do capital. Na sociedade do “*Welfare State*” o consumo de massas tinha como simbologia o automóvel enquanto nos países periféricos buscava-se a superação do subdesenvolvimento. Produções em larga escala e a intervenção reguladora do Estado no controle das crises traziam a ideia de um capitalismo sem contradições. Os ciclos de prosperidade foram definidos como uma onda longa e expansiva que trouxeram crescimento econômico e manutenção da taxa de lucro e pequenos episódios de crises.

Entre os anos 60/70 houve um significativo aumento do movimento sindical nos países centrais, modificações da cultura e dos costumes, revoltas estudantis, movimentos de categorias

sociais específicas (minorias), inclusive o movimento punk que se engendra na Inglaterra e Estados Unidos no final dos anos 70. Os anos dourados chegam ao fim com uma profunda recessão generalizada por parte de todas as grandes potências. A onda longa expansiva é substituída por uma onda longa recessiva tendo como base a restauração do capital sobre o tripé da *reestruturação produtiva, financeirização e ideologia neoliberal*. O conceito de acumulação flexível se apoia na flexibilização de trabalho, dos mercados, dos produtos e dos padrões de consumo, tendo como base a reestruturação produtiva que traz uma intensa incorporação de tecnologias que exige que o trabalhador seja cada vez mais qualificado e versátil sem levar em consideração a possível desqualificação de algumas atividades ocasionando uma intensa precarização dos trabalhadores frente aos modos de produção.

O controle dos trabalhadores passa ter um caráter menos hierarquizado, trazendo a esse trabalhador explorado constantemente a falsa ideia de que ele é para a empresa um *colaborador, associado* ou *cooperado*, apelando ao engajamento ainda mais ferrenho deste trabalhador nas malhas do sistema capitalista. Dentro desse panorama caótico, não se pode deixar de mencionar a chamada terceirização que funciona como elo bastante significativo para o conjunto de ações do capital uma vez que o controle da produção de uma determinada empresa acaba sendo repassado para outra, configurando em corporações estratégicas. Já o processo de privatização é o ato de tirar determinada empresa do controle do Estado e passar para um terceiro funções que deveriam ser precípua do Estado: um exemplo disso é o sistema de saúde brasileiro e seu sucateamento, aliado aos alarmantes casos apresentados na mídia corporativa, fazendo com que emergja a atual tendência de privatização dos serviços de saúde que deveriam ser essencialmente públicos.

A flexibilização está diretamente relacionada ao desemprego pelas modificações acentuadas no mundo do trabalho. A tendência atual é de naturalização da crescente onda de desemprego, que se torna cada dia mais permanente, individualizando as expressões pertinentes às questões sociais amplamente disseminadas como sendo algo que deva ser tratado de forma particularizada. O movimento de financeirização do capital traz novas protoformas de serviços aliados a industrialização que penetra na vida social estabelecendo novos domínios.

Na América Latina, o impacto das crises é sentido de forma redobrada. Há uma falsa ideia de que a América Latina está imune aos efeitos da crise, uma vez que a burguesia latino-americana está totalmente comprometida com a nova ordem global do capital deixando os

países em situação de subalternidade, pois a possibilidade de uma ruptura política é bastante improvável. Existe na América Latina um intenso processo de reversão colonial presente no sucateamento das forças produtivas e com a desnacionalização da economia. No Brasil ocorreu um intenso processo de desindustrialização, com a economia fortemente atrelada ao setor primário de produção e com setores de serviços que traziam péssimas condições de emprego, baixos salários e uma grande rotatividade de pessoas empregadas.

A crise de 2008 passou pelo Brasil sem muitos contratempos por conta do incentivo da economia interna com as políticas de incentivo de crédito do governo, fazendo com que a população comprometesse sua renda além do que lhe seria possível pagar, porém é inegável o salto no consumo. Com a inflação, existe uma diminuição no consumo, inclusive de coisas essenciais. Para que as pessoas tenham a ideiação do mesmo patamar de consumo, fazem dívidas; não conseguindo pagá-las, renegociam e, ainda assim, não conseguindo saná-las, acabam partindo para os empréstimos na busca de findar o pagamento sem que com isso tenhamos consciência exata do impacto que isso irá gerar. O papel da ideologia é central nos modos de produção do capital, uma vez que é através dela que as noções de pertencimento de classe são suprimidas. Quantos não são os proletários que vivem em condições de pobreza e que, no deslumbramento de pertencer a uma classe “superior” à sua, acabam comprometendo o pouco da renda na busca de satisfação de seu desejo de consumo por determinada mercadoria com a finalidade única de poder e status?

O sistema do capital traz simbologias próprias do seu processo expansivo de produção. O desejo de consumo se torna cada vez mais condicionante da realidade do trabalhador. A existente assimetria entre o que se ganha e o que se gasta conta com o aparato dos bancos, através das concessões de créditos, fazendo com que grande parcela da população trabalhadora se torne ainda mais devedora e sem consciência de sua exploração. A pobreza passa a ser condicionada à invisibilidade social e os índices, cada dia mais crescentes, de violência acabam sendo atrelados a essa pobreza não levando em consideração a conjuntura social do país que faz da exploração o carro forte do seu sistema econômico. Naturalizar e criminalizar as questões sociais são próprios desse sistema cruel e bárbaro que traz a completa aniquilação da humanidade em benefício da sua perpetuação violenta.

Um dos fatores que trazem a violência é a privação causada pelo Estado, com o afunilamento dos direitos conquistados através das lutas que perpassam décadas. A ideologia

assistencialista embutida pelo Estado ao imaginário das massas faz com que essas massas se tornem cada vez mais fragilizadas e dependentes fazendo com que recorram frequentemente ao discurso benevolente do Estado. O Brasil tem a marca de ser um país colonial fraco e imperialista dependente. Acreditar na ideologia de que no Brasil não teria crises é no mínimo achar que o Brasil está situado em uma ilha sem contato com outras civilizações e alheio às faces do capital. O arranjo da realidade se dá por uma série de influências, seja pela interpretação da realidade expressa pela divisão de classes, valores e antivalores seja pelas as projeções feitas daquilo que acreditamos como intrínseco ao nosso ser nos dando as noções de pertencimento anteriormente citadas.

A sociedade atual vive uma falsa ideia de democracia, uma vez que as leis são pensadas por uma minoria, assim como o destino do país, contribuindo paulatinamente para que o cidadão comum seja induzido a comportamentos que não são de sua essência, como, por exemplo a tentativa de viver no Brasil o ideal de vida estadunidense sem levar em conta os contrastes sociais enraizados na nossa história e a realidade diferente entre Brasil e Estados Unidos. Para transformar esta realidade, é necessário pensar a substituição do modo capitalista, que poderá realizar-se, de acordo com Netto e Braz (2012) “mediante um protagonismo político dos trabalhadores.”, visto que a única coisa que pode pôr fim ao capitalismo é a reconstrução das ideologias e é nessa perspectiva que o movimento punk, detentor de uma pauta política, é relevante e presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar, primeiramente, que o punk não nasce pronto e que não existe uma intenção de finitude que encerre seu legado. Este é um processo que se estende por toda uma vivência dedicada a esse modo de vida contestador e combativo e que também se instala nas contradições próprias de sua origem. O punk surge como uma possibilidade de ameaça real que é crítica ao sistema vigente, rompendo com os padrões estéticos, e sua música barulhenta denuncia as iniquidades existentes na sociedade de classes forjada no arquétipo capitalista de produção.

Estabelecido inicialmente na Inglaterra e Estados Unidos, no final dos anos setenta, o movimento produz e constrói sua história a partir dos fanzines, materiais que possibilitaram a discussão de diversos temas importantes para aquele contexto que se iniciava, geralmente distribuídos nos eventos realizados pelos próprios punks. No Brasil essas produções começam a circular no final dos anos 70, início dos anos 80, um momento importante para a história do país que caminhava rumo à redemocratização após um longo período de ditadura militar. É neste momento que o punk brasileiro também começa a dar seus primeiros passos e se inserir nesse circuito de produções subversivas, entretanto, é importante frisar que as peculiaridades pertinentes à cidade acabam gerando alguns conflitos que respingam até hoje nas discussões referentes ao punk local.

Os punks são em sua maioria oriundos das camadas marginalizadas da sociedade, fruto concreto das expressões da questão social. Analisar a presença do movimento punk na sociedade é entender que esses indivíduos e coletivos que o compõem possuem demandas similares àquelas da sociedade em geral mesmo que busquem um combate ativo diário contra as desigualdades sociais, preconceitos e discriminações a que são submetidos, como é o caso da luta antirracista, antimachista, entre outras que se fazem presentes no cotidiano do movimento.

É nessa perspectiva que esse trabalho foi feito: com o objetivo de construir uma relação entre o movimento punk e a segurança alimentar e nutricional, buscando contribuir para o diálogo entre a alimentação e seus diversos sujeitos. A investigação da questão alimentar nesse movimento possibilitou verificar que as relações que se estabelecem com a comida são, em sua maioria, similares as que já existem na sociedade e que, mesmo havendo uma intenção de ruptura frequente que busque uma concepção de vida autônoma, as práticas cotidianas

demonstram que ainda existe forte ligação com o mercado e sujeição ao sistema capitalista de produção.

Embora existam algumas experiências de produção de alimentos para o próprio consumo, estas vivências ainda não são insuficientes para a realização de uma vida autônoma, livre do mercado e das imposições postas pelo capital em relação ao modo como as pessoas se alimentam. O capital se apropria de tal forma dos espaços que até mesmo no meio mais básico de sobrevivência humana, a alimentação, acaba ditando as normas de consumo, nos cercando de produtos processados, ultraprocessados, *fast foods*, incutindo no ideário social uma noção de praticidade e rapidez cada dia mais necessária para satisfação das necessidades do próprio capital.

Neste estudo é possível verificar que no cenário punk brasileiro as experiências de transgressão do sistema capitalista, no que diz respeito à relação que se estabelece com a alimentação e ao ato de comer, acabam sendo frustradas devido a diversos fatores que contribuem para a manutenção desse sistema e que incluem a própria dinâmica da cidade que inviabiliza ações mais pontuais sobre a questão. Entretanto, percebe-se uma importante postura de diminuição dos possíveis danos causados por uma alimentação orientada pelo capital a partir de alternativas mais saudáveis adotadas por alguns grupos e indivíduos que se posicionam de maneira mais consciente sobre essa questão.

A importância dessa pesquisa se revela no decorrer de sua construção e nos questionamentos apresentados que explicitam o domínio do capitalismo até mesmo nas estruturas que pretendem superá-lo. Embora o movimento punk tenha diversas pautas de atuação e que a questão alimentar seja basilar para a sobrevivência humana, essa tem sido tratada de forma ainda muito incipiente dentro do movimento revelando uma forte apropriação do sistema capitalista nessa temática. Não podemos, entretanto, negar as tentativas de buscar romper com essa dinâmica que mesmo não sendo suficiente para romper com a lógica de mercado é de vital importância para a construção de uma nova relação com a comida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANVISA (Brasil). **Legislação sobre alimentos**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/alimentos/legislacao>. Acesso em: junho de 2017.

_____. **Resolução RDC nº 216**, de 15 de setembro de 2004. Dispõe sobre Regulamento Técnico de Boas Práticas para Serviços de Alimentação. Brasil: ANVISA, 2004. Disponível em:

<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33916/388704/RESOLU%25C3%2587%25C3%2583ORDC%2BN%2B216%2BDE%2B15%2BDE%2BSETEMBRO%2BDE%2B2004.pdf/23701496-925d-4d4d-99aa-9d479b316c4b>. Acesso em: junho de 2017.

_____. Programa Nacional de Monitoramento da Qualidade Sanitária de Alimentos. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/alimentos/programa/index.htm>. Acesso em: junho de 2017.

_____. **Anvisa atualiza regulamento sobre práticas de alimentação**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2014/10/anvisa-atualiza-regulamento-sobre-praticas-de-alimentacao>. Acesso em: junho de 2017.

BARBOSA, Lidia Cristina Silva; SANTOS, Tamara Vaz de Moraes. **Aspectos da Segurança Alimentar e Nutricional no Distrito Federal**: textos para discussão. nº 4 maio/2016. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Aspectos-da-Seguran%C3%A7a-Alimentar-e-Nutricional-no-Distrito-Federal.pdf>. Acesso em: outubro de 2018.

BARROS, Cesar Mangolin de. **A ditadura militar no Brasil**: processo, sentido e desdobramentos. Disponível em: <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/cesarmangolin-de-barros-a-ditadura-militar-no-brasil-2011.pdf>. Acesso em: abril de 2018.

BEHRING, E.R.; BOSCHETTI, I.B. **Política Social**: fundamentos e história. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BIVAR, Antônio. **O que é Punk**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.272**, de 25 de Agosto de 2010. Regulamenta a Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política

Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7272.htm. Acesso em: agosto de 2017.

_____. **Emenda Constitucional nº 64**, de 04 de fevereiro de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc64.htm. Acesso em: setembro de 2018.

_____. **Lei nº 7.802**, de 11 de julho de 1989. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7802.htm. Acesso em: maio de 2016.

_____. **Lei nº 9.782**, de 26 de Janeiro de 1999. Define o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9782.htm. Acesso em: junho de 2017.

_____. **Lei nº 8.080**, de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm. Acesso em: junho de 2017

_____. **Lei nº 11.346**, de 15 de Setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm. Acesso em: agosto de 2018.

BRASÍLIA. **Anuário do DF**: gama. Disponível em: <http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/ra-ii-gama/>. Acesso em: Dezembro de 2018.

BURITY, Valéria, [et al.]. **Direito Humano à Alimentação Adequada no contexto da Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília, DF: ABRANDH, 2010. 204p. Disponível em: http://www.actuar-acd.org/uploads/5/6/8/7/5687387/dhaa_no_contexto_da_san.pdf. Acesso em: Setembro de 2018.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

CAMPOS, NEIO. A Segregação Planejada. *In*: PAVIANI, Aldo (org.) **A Conquista da Cidade**: Movimentos Populares em Brasília. Brasília: EdUnB, 1991.

CARBONAI, Davide; VALENÇA, Fernanda Mattos de Lima. **Novos atores em movimento**: o veganismo como prática política. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E CIÊNCIA POLÍTICA, 3. Rio Grande do Sul: Universidade do Pampa, 2014. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciapolitica/files/2014/06/veganismotrabalho.pdf> Acesso em: setembro de 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/ Bookman, 2010.

CODEPLAN. Diretoria de Assuntos Urbanos e Ambientais. Governo do Distrito Federal. **RA II – GAMA**. Brasília: CODEPLAN, 2015. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-Gama.pdf>. Acesso em: novembro de 2018.

_____. **Pesquisa Distrital Por Amostra De Domicílios – Gama – PDAD 2015** Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Resumo-PDAD-Gama.pdf>. Acesso em: janeiro de 2018.

_____. **Segurança Alimentar e Nutricional no Distrito Federal**. Brasília, CODEPLAN, 2012. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Seguranca-Alimentar-e-Nutricional-no-Distrito-Federal.pdf>. Acesso em: setembro de 2018.

_____. **Relatório da II Pesquisa de Identificação e Percepção Social dos Usuários dos Restaurantes Comunitários do Distrito Federal**. Brasília: DIEPS/CODEPLAN, 2018. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/II-Pesquisa-de-Identifica%C3%A7%C3%A3o-e-Percep%C3%A7%C3%A3o-Social-dos-Usu%C3%A1rios-dos-Restaurantes-Comunit%C3%A1rios-do-Distrito-Federal-2018.pdf>. Acesso em: novembro de 2018.

CORRÊA, Ana Maria Segall; KEPPLER, Anne Walleser. **Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2011.v16n1/187-199/pt>. Acesso em: maio de 2017.

CONSEA. Brasil. **Conceitos: Segurança Alimentar e Nutricional e Soberania Alimentar.** Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/acao-a-informacao/institucional/conceitos>. Acesso em: abril de 2018.

_____. **Princípios e Diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional.** Brasília: CONSEA, 2004. Disponível em: <http://www.sisbin.ufop.br/novoportal/wpcontent/uploads/2015/03/CONSEA-principios-e-diretrizes-de-uma-politica.pdf>. Acesso em: junho de 2017.

FECHINE, Ana Karine Ferreira da Silva, ROCHA, Márcia Maria de Sá e CUNHA, Thanúsia Hensel da. O Neoliberalismo e a Formatação Das Políticas Sociais: desafios contemporâneos. In: **Revista Socializando**, nº 2, Vol. 1, 2014. p. 50-63. Disponível em: http://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2015/11/Socializando_20142_4.pdf. Acesso em: novembro de 2017.

FISCHLER, Claude. **El (h)Omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo.** Barcelona: Anagrama, 1995. (Colección Argumentos).

FREITAS, Tânia Maria de. **A expansão urbana no Distrito Federal e a dinâmica do mercado imobiliário: o caso do Gama.** Dissertação de Mestrado. 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13590/1/2013_T%C3%A2niaMariadeFreitas.pdf. Acesso em: novembro de 2018.

GANIMI, Rosângela Nasser; ANDRADES, Thiago Oliveira de. Revolução Verde e a Apropriação Capitalista. In: **CES Revista**, v.21. Juiz de Fora: CES/JF, 2007. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf. Acesso em: janeiro de 2017.

GOMES JUNIOR, Newton N. **Segurança Alimentar e Nutricional e Necessidades Humanas.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

GOMES, Luís Eduardo. **Não é justo propagar o câncer em nome do lucro de meia dúzia.** Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Meio-Ambiente/-Nao-e-justo-propagar-o-cancer-em-nome-do-lucro-de-meia-duzia-/3/34208>. Acesso em: maio de 2016.

KOZLOV, G. **Curso de Economia Política: elementos fundamentais do comunismo.**

LISBOA: EDIÇÕES AVANTE, 1981. v. 1.

LEÃO, Marília. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: ABRANDH, 2013. 263 p. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/DHAA_SAN.pdf. Acesso em: agosto de 2018.

LEITE, Cristina C. & GARCIA- FILICE, Renísia C. O Ensino de História e Geografia no DF: percalços e percursos de uma única história chamada Brasília. In: **Revista História e Diversidade**. v.6, nº1, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308396227_Ensino_de_Historia_e_Geografia_no_DF_percalcos_e_percursos_de_uma_unica_historia_chamada_Brasilia. Acesso em: maio de 2018.

LONDRES, F. **Agrotóxicos no Brasil: um guia para a ação e defesa da vida**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2010. 190p.

MARRA, Nívea. **Tipos de Contaminação dos Alimentos**. Publicado em: 14 de Agosto de 2016. Disponível em: <http://nemdemaisnemdemenos.com.br/alimentos/tipos-de-contaminacao-dos-alimentos/>. Acesso em: junho de 2017.

MARX, Karl. **O Capital: Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. v. 1.

_____. **O Capital: Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. v. 2.

MENDES, Áquila Nogueira; OLIVEIRA, Nádia Rosana Fernandes de; MACHADO, Priscila Pereira. O indigesto sistema do alimento mercadoria. In: **Saúde Soc**. São Paulo, v.25, n.2, p.505-515, 2016. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000200505. Acesso em: junho de 2018.

MIRET, Camila. **ABNT NBR 15635: Boas Práticas para Serviços de Alimentação**. Postado em 16 de Setembro de 2015. Disponível em: <http://foodsafetybrazil.org/abnt-nbr-15635-boas-praticas-para-servicos-de-alimentacao/>. Acesso em: junho de 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf. Acesso em: junho de 2017.

Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Você sabe qual a importância das sementes crioulas?**. Publicado em 10 de Agosto de 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/voc%C3%AA-sabe-qual-import%C3%A2ncia-das-sementes-crioulas>. Acesso em: novembro de 2018.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. Tradução de Letícia Martins de Andrade. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

NETTO, José P.; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Biblioteca básica de Serviço Social; v. 1).

PEREIRA, Potyara A. P. **Política Social: temas e questões**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINASSI, Maria Orlanda; ARRUDA SAMPAIO JR., Plínio de. **Capitalismo em Crise: A natureza e dinâmica da crise econômica mundial**- SP- Plínio de Arruda Sampaio Jr- Ed Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009. 160p.,

POLLAN, Michael. **Em Defesa da Comida**. Rio de Janeiro: Ed Intrínseca, 2013. 272 p.

Portal Umami. Disponível em: <http://www.portalumami.com.br/o-que-e-umami/>. Acesso em: outubro de 2018.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais do que barulho**. Tradução de Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2007.

OLIVEIRA, Antonio Carlos. **Os fanzines contam uma história sobre os punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

PONTUAL, Helena Daltro. **Do quadrilátero Cruls ao patrimônio histórico e cultural da humanidade**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not02.asp>>. Acesso em: Dezembro de 2018.

Silva, Doris Accioly e. Anarquistas: Criação Cultural, Invenção pedagógica. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan.-mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a06v32n114.pdf>. Acesso em: novembro de 2018.

Vegasite. Disponível em: <https://www.vegasite.com.br/>. Acesso em: março de 2018.

FILMOGRAFIA

CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA [documentário]. Dirigido por: Vladimir Carvalho. Brasil: Vertovisão, 1991. p & b, (153 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDcz3Uw21wI&t=19s>. Acesso em setembro de 2018.

COOKED: the complete first season. Dirigido por: Alex Gibney, Caroline Suh, Peter Bull, Ryan Miller. Escrito por: Michael Pollan. EUA: Jigsaw Productions, 2016. Color., (60 min.). Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=cooked&jbv=80022456&jbp=0&jbr=0>>. Acesso em outubro de 2018.

MUITO ALÉM DO PESO [documentário]. Dirigido por: Estela Renner. Produzido por: Maria Farinha Filmes. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2012. Color., (84 min.). Disponível em: <<http://www.muitoalemdopeso.com.br/download/>>. Acesso em maio de 2017.

CASA DA LAGARTIXA PRETA “MALAGUEÑA SALEROSA”: 10 anos de experiências anarquistas [documentário]. Criado por: Anarco-Filmes, Ativismo ABC, Do Morro Produções. São Paulo: Do Morro Produções e Ativismo, 2014. Color. (70 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zXHYATeTKo>> Acesso em: 12 de janeiro de 2017.

FANZINES

CASTRO, Alex. **Extrema Ameaça** [fanzine]. 3. ed. [S. l.: s. n.], 2007.

COLETIVO SOMOS VIVOS. **Zine Edição Somos Vivos** [fanzine]. São Paulo: [s. n.], 2010.
CURTIS, Thina. **Spell Work** [fanzine]. 8. ed, São Paulo: [s.n.], 2011.

GONÇALVES, André. **Iiscroto** [fanzine]. 7. ed. São Paulo: [s. n.], [20??].

HEBER. **Anti Submissão** [fanzine]. 3. ed. Minas Gerais: [s. n.], 2003.

LAGARTO; DAVID. **O XIS da Questão** [fanzine]. Zine Libertário Livre de Drogas. Brasília: [s. n.], [200-?].

REVISTA SOBREVIDAS, nº 02, [S. l.: s. n.], 2015.

COLETIVO RISEUP. **Veganismo: Ideias, Receitas, Anticapitalismo** [fanzine]. Brasil: Coletivo Riseup, 2015. Disponível em: <https://anarcopunk.org/v1/2017/05/veganismo-ideias-receitas-anticapitalismo/>. Acesso em: janeiro de 2017.

ANEXOS

1- Zine: O Xis da Questão.



Créditos

O xis da questão é feito por Lagarto e David e principalmente por VOCÊ que contribui com imagens, críticas, opiniões através do e-mail xquestaor@gmail.com!

As imagens foram xupinhadas da internet e o quadrinho pego na Loja da Xu na Galeria do Rock (SP)

Edição por conta de Uled.

Agradecimentos:

Queríamos agradecer principalmente

al/ ao _____ que leu esse (espaço reservado para por seu nome)

zine, digeriu as informações, aplicou o que achou melhor em sua vida e repassou ele pra frente. Já a todos que de alguma forma nos incentivaram, seja com palavras de apoio ou botando a mão na massa com a gente contribuindo para que esse zine ficasse pronto.



EDITORIAL
 FIQUEI REALMENTE PENSANDO O QUE ESCREVER AQUI. OLÁ! BEM VINDOS! COMO VÃO? FORAM APENAS ALGUMAS DAS (MÁS) IDÉIAS QUE TIVE AFINAL. PRA QUE SERVE UM EDITORIAL? REALMENTE NÃO SEI! SE FOR UMA APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO INICIALMENTE, PODE-SE DISPENSAR, POIS UM ZINE COM APENAS CAPA, EDITORIAL, RECEITA, TIRINHA, TEXTO PRINCIPAL E CONTAIO É MUITO PEQUENO PRA SER RESUMIDO. ENFIM ESTE ZINE É O PRIMEIRO (ESPERO QUE DE MUITOS) QUE NASCE DE UMA TENTATIVA, COLOCAR NO PAPEL IDÉIAS QUE NÃO SAÍAM DA CABEÇA E COM A ESPERANÇA DE QUE SAÍAM DO PAPEL E SEJAM COLOCADAS EM PRÁTICA (não necessariamente nessa ordem).

LIBERTAÇÃO ANIMAL E DEFESA DA VIDA

Quando pensamos em vegetarianismo e liberação animal logo vem à cabeça uma idéia de comprometimento aos animais (não-humanos) e defesa da vida, o que de fato somos, porém em defesa de toda a vida.

É muito comum no imaginário popular aparecer a imagem de um(a) vegetariano(a) ligado fortemente a questões espirituais, zen, etc. Há também uma diferenciação bem específica de quais animais defendemos. Recentemente ouvi um comentário que elucida bem essa questão. Um amigo meu disse assim: "Pra mim não faz muito sentido falar liberação animal e humana porque afinal todxs somos animais (humanos e não-humanos) sujeitos aos mais variados tipos de exploração e preconceitos" e foi esse comentário que me fez pensar em escrever sobre o assunto.



A liberação animal e humana é uma luta conjunta, onde não é possível realizar uma sem realizar outra, usando um velho jargão anarquista: "enquanto todxs não estivermos livres estaremos todxs presos". Por isso que tão específica quanto defender a liberdade com pedaço de carne em seu prato, tão hipócrita seria falar em defesa da vida sem questionarmos a vida de todas as mulheres que morrem todos os dias em consequência de abortos mal sucedidos. Só no Brasil de acordo com o Ministério da Saúde, em 2006 foram feitas mais de 220 mil intervenções para a realização de curetagens pós-aborto, que é um procedimento realizado nos casos de complicações decorrentes de abortamentos espontâneos e inseguros. A OMS (organização mundial de saúde) estima que 21% das mortes (cerca de seis mil/ano) relacionadas com a gravi-

dez, o parto e o pós-parto, na América Latina e Caribe, têm como causa as complicações do aborto realizado de forma insegura. Segundo a IPAS de 2000 a 2004, ocorreram 697 mortes em consequência de gravidez que termina em aborto, principalmente de mulheres com idade entre 20 e 29 anos (323 óbitos no período), isso só no Brasil. Esses números apesar de serem poucos em vista da grandiosidade do tema são suficiente para pensarmos em todxs as vidas que estamos defendendo e quantos animais morrem em consequência de nossa naturalização de preconceitos. Vacas leiteiras são obrigadas a estarem sempre grávidas, para a produção de leite que reduz a vida delas a 1/5 do viverem e esses 1/5 são fortemente precarizados pela prisão em que são postas.

RECEITA VEGANA

Pão de Queijo? (pão de queijo vegano)

Ingredientes:

- 5 Batatas médias (por volta de 400g ou 500g)
- 4 xícaras de polvilho doce
- 1 xícara de polvilho azedo
- 1 xícara de água quente
- 1 xícara de óleo em ponto de fervura
- Sal a gosto

Como fazer?

Cozinhe a batata (Água: já cozinhe a batata com sal na água) e depois a amasse e deixe resfriada. numa bacia grande misture os ingredientes secos (os polvilhos

Na nossa sociedade mulheres são obrigadas a engravidar para não serem presas fisicamente e são fortemente amarradas pelas prisões sociais que nos são impostas. Afinal vacas servem-nos para nos dar leite e carne e mulheres para serem mães não é? E romper com essa organização é ser contrário ao "natural". Por isso independente de visões pessoais é um dever nosso como pessoas que defendem a vida e a liberdade de todxs, defendermos o direito de escolha de todas as mulheres que recorrem a métodos inseguros que põe em risco a suas vidas (cerca de um milhão a cada ano, no Brasil) para conseguirem ser mininamente donas de seus corpos.



e o sal) depois a água quente e o óleo fervendo e por último a batata (já amassada). Vá misturando até atingir um ponto de massa. Faça bolinhas e coloque numa forma untada e asse por volta de 30 min num forno pré-aquecido.

Dica: Você pode temperar a massa com orégano, curry, etc deixe sua imaginação fluir.

Algumas pessoas preferem usar mandioquinha a batata nesse caso é só substituir

Bom Apetite!

2- Zine Iiscroto



Assane, um engraxate de dez anos de idade entrevistado na cidade senegalesa de Ziguinchor, argumenta com muita objetividade:

“Eu não preciso ir para a escola. O que eu poderia aprender lá? Conheço crianças que foram para a escola. Suas famílias pagaram as taxas e os uniformes, e elas receberam educação. Mas você as vê sentadas por aí. Agora elas não tem mais utilidade nenhuma para suas famílias. Não sabem nada sobre o trabalho no campo, ou sobre comércio, ou sobre como ganhar dinheiro... Eu sei que preciso aprender a ler e escrever [mas]... se alguém tentar colocar-me na escola eu fujo.”

Iiscroto
ZINE PUNK N.º 7
raw crust'n'punk inferno

RESPOSTAS
TOTALICKERS
alb

Resenhas
textos

Caminhando para um

abismo profundo



Desde o fim do século XIX a migração das populações do campo para o que seria as grandes cidades gera uma grande modificação social com a criação de sindicatos buscando novos direitos trabalhistas contra as formas de exploração dos industriais. Bem no início do século XX a electricidade, os transportes, a melhoria da qualidade de vida invadem as vidas de ricos e pobres quase de modo instantâneo exigindo desta maneira, que as pessoas mudem seus padrões de vida e de comportamento quase de modo instantâneo.

Uma nova onda de valores começaram a surgir assim que os meios de comunicação passaram a propor novos valores de consumo através da ditadura de modas e de comerciais para sedução das pessoas, onde sua valorização social e seu status social passam a ser medidos através de seu poder de compra. Consequentemente ocorre uma quebra de valores para aqueles que estão diretamente inseridos neste turbilhão de invenções nunca vista até então. Ocorrendo também uma vulgarização das artes e dos valores através dos entretenimentos baratos como cinemas e programas televisivos que impõem nas pessoas novos valores, criando uma forma de diversão que anestesie suas emoções e padronizando as formas de comportamento entre todas as pessoas.

Neste pequeno texto buscando fazer com que as pessoas, pensem de forma crítica o mundo em que vivem, trabalhando como essa critica não pode ser feita se tentamos manter a mesma velocidade com que a globalização nos moldes capitalistas vêm nos impondo diariamente, procurando recuperar nosso tempo, ou seja, o tempo da sociedade onde poderemos discurrir as novas transformações e saber quem são aqueles que se beneficiam e os que se prejudicam com essas mudanças, e assim tentar formas de verificar como poderíamos utilizar essa grandeza tecnologica que vem sendo apresentada para o bem comum da humanidade, e não deixar isso para somente uma pequena parte dos mais abastados. Essas discussões devem ser tratadas a ponto de conseguirmos ver uma solução tanto para o presente quanto para as gerações futuras, não deixando com que ações tomadas hoje por nos tenham um efeito devastador para os mesmos.

Esse enorme crescimento técnico incutiu nas sociedades atuais a perspectiva de que estamos vivendo em um único mundo onde as coisas são uma só, numa louca interação, sendo



tudo isso um gigantesco palco onde as mais diversas mudanças estão ocorrendo beneficiando sempre os mesmos, onde as populações mais pobres estão protagonizando os papéis mais macabros e maléficos pois sempre são os menos beneficiados, arrastados pelo turbilhão, tendo como efeito negativo a degradação de suas

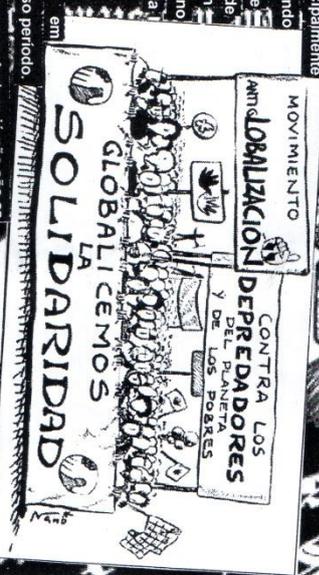
suas desigualdades sociais florestas, recursos energéticos e agravamento de

Nesta perspectiva devemos passar a tomar consciência de como todos os avanços em todos os campos das ciências se multiplicaram enormemente do começo do século XX em diante, ficando os últimos 100 anos responsável por um crescimento em todas as áreas do conhecimento, maior do que toda a história da humanidade junta, e como podemos saber, a grande maioria dos cientistas ainda vivem e atuam de forma a ampliar ainda mais esses crescimentos, ou seja, esse crescimento desenfreado ainda tem uma boa parte dos seus protagonistas vivos e atuando, se isso é um fator

segunda guerra, principalmente

após a divisão do mundo em duas potências que disputavam suas áreas de influência e buscavam estar sempre a frente no campo militar uma da outra, sendo essas invenções militares responsáveis pelo grande crescimento em eletrônicos de nosso período.

Hoje as fronteiras econômicas já não são as mesmas políticas. Nossas relações se tornaram internacionais, com a divisão mundial do trabalho, e as sociedades se tornaram cada vez mais complexas, mudando, seus interesses no globo. Mas isso não quer dizer que as coisas mudaram para melhor, pois só que podemos ver, é como as grandes multinacionais buscaram dentro deste processo de internacionalização das economias, dos mercados e da informação, foram acabar com o bem estar social alcançado, pelas sociedades nos períodos pós

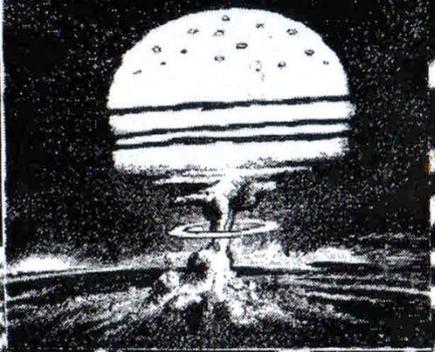


segunda guerra. Mas de que forma ele procuraram fazer isso? Buscando anular os mecanismos de pressão social, como sindicatos, associações civis e de defesa do meio ambiente. Caso certos critérios não fossem seguidos, as empresas se retirariam de determinados Estados que acabariam tendo de arcar com os prejuízos e insatisfações sociais causados naquele meio. Sendo desta forma o meio mais eficiente das grandes multinacionais tomarem o controle dos Estados e das pessoas que fazem parte dele. Através de uma grande guerra econômica podemos dizer, pois hoje em dia a maneira de fazer um estado se resignar aos pedidos das grandes empresas é somente a ameaça de se retirarem desses locais e deixarem a população a deus dará. Fazendo o Estado atuar contra a sociedade.

Infelizmente a realidade é mais triste do que parece e os mecanismos de controle mais complexos ainda.

NI DICTADURA, NI DEMOCRACIA
VIVA LA ANARQUIA! (A)

1945 - 2005: THE AMERICAN CENTURY



3- Zine Iiscroto





ALGUMAS QUESTÕES

Pensando um pouco sobre nossa sociedade onde a era tecnológica e os maiores padrões de conforto já vistos no mundo batem a nossa porta, podemos questionar será que este mundo se massificou, será que estamos todos presos dentro de um processo de mundialização do qual não podemos fugir?

Mas será que estamos dentro de um processo de massificação ou fragmentação daquilo que será consumido dentro desta sociedade? Ao nosso redor podemos perceber o processo de mundialização através das grandes marcas diversas que temos por aí, McDonald's, Coca Cola, Sony, Philips, Renault, Volkswagen etc. Isso nos mostra que estamos dentro de um mundo onde os objetos são compartilhados em grande escala, como automóveis, Televisores, Jeans, Bebidas e alimentícios. Ou seja, estes produtos são utilizados nos mais diversos países do mundo, aqueles países que ainda não entraram nesta jogada, ou não são interessantes para o grande capital (ainda), ou estão isolados em sua cultura.

Com a música e o Cinema podemos perceber claramente como as grandes corporações como a EMI, Polygram, Sony, Virgin, Warner Music, ditam aquilo que as pessoas escutam diariamente nas rádios, assistem na TV e no cinema. São esses tipos de corporações que criam o culturalmente aceitável dentro da sociedade, veiculando a isso objetos que elas querem que sejam utilizados em escala mundial. Uma empresa como a Sony, também é dona da Columbia, pode muito bem lançar um filme com um cantor(a) contratado por ela como a Britney Spears por exemplo, fazendo assim que tanto a Sony como a Columbia consigam vender seu produto. Filmes e CDs. Exemplos como esses existem vários já que essas mesmas empresas controlam os canais televisivos e as empresas de propaganda.

A questão agora é, Será que ainda estamos dentro de um processo de massificação ou de fragmentação? As grandes corporações, hoje trabalham com a ideia de juntar as partes distantes, fazendo com que as pessoas em qualquer parte do mundo consigam se sentir em seu país, mas para isso elas se adaptam ao mercado local. Podemos ver isso em nosso dia a dia tendo como exemplo a coca cola que lançou seu refrigerante a um tamanho de 250 ml para que possa ser consumido pela classe mais pobre, ao valor de 1 real. Outro exemplo seriam os comerciais que hoje são produzidos com celebridades do próprio país para que as pessoas consigam se identificar com o produto.

Nesta forma, podemos perceber como elas buscam se adaptar ao gosto do consumidor.

IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR

IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR

CITY MIND

Esta é uma tendência que começou a acontecer nos últimos 40 anos onde as pessoas deixam seus valores culturais de lado e começam a se introduzir na modernidade, que acaba criando novos valores comparmentais principalmente os de consumo. Para isso essas empresas se utilizam de estudos que mostram que todos os produtos tem alguma tendência de aproximação de um país para o outro, ficando para elas apenas a sabedoria de saber utilizar este conhecimento. Ou seja, estamos inseridos dentro de uma sociedade onde os ritos de consumo são exorbitantes onde somos vistos como meros consumidores, não como indivíduos que podem atuar dentro dela e modificar alguma coisa. Para termos uma ideia, os grandes oligopólios têm o poder de comandar diversos países, somente devido as riquezas que possuem através de empréstimos que podem conceder ou da manipulação do mercado que possuem. Investir em um país é a forma mais rápida de se ganhar dinheiro para esses oligopólios.

As empresas e até mesmos alguns indivíduos capitalistas nos tratam como idiotas. Manipulando e nos fazendo consumir por mero impulso e não por necessidade. Não digo isso somente relacionado aos produtos das grandes grifes, podemos colocar este mesmo tópico relacionado a discos, camisetas e qualquer outra coisa que esteja relacionada ao universo underground. Consumo, consumo e consumo a palavra de ordem do mundo moderno. Discos a 70 reais, CDs a 40 e Eps a 30. Muitos dizem: "é daí compra quem quer". Mas acontece a seguinte coisa: as pessoas só vendem a este preço absurdo porque tem quem compre. Se utilizam na hora da venda das mesmas frases que a Dasli deve utilizar, "só existem alguns desses" ou "só você que vai ter". GRANDE MERDA. Quem dá a milhina pra uma merda de material de uma banda punk que custa algo que um punk sem comprometer 10% do salário não pode obter?

UMA MERDA QUE TEXTO REDUNDANTE? Todos os zines punk do mundo já falaram sobre isso e está aqui mais um idiota falando a mesma merda. Só sei de uma coisa, se existem pessoas que vendem a preços juntos para os dias de hoje, ou eles ganham o suficiente pelo trabalho de importar e pagar todas as taxas, ou quem vende a preços exorbitantes ganha demais.

MAS E DAÍ, FODA-SE OS PUNKS SÃO IDIOTAS MESMO. O rock'n roll morreu para nós. Como mero produto do sistema para a juventude consumista. Mas nos temos nosso Hardcore. Seja ele Chris, Grind, Emo, Power Violence. Este é o nosso gpi.

Chamam isto de cena alternativa MAS NÃO CONSIGO VER ALTERNATIVA A MERDA, NEM NUNCA.

IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR IMPULSO CONSUMO IMPULSIVO CONSUMIDOR

4- Zine: Alerta Punk

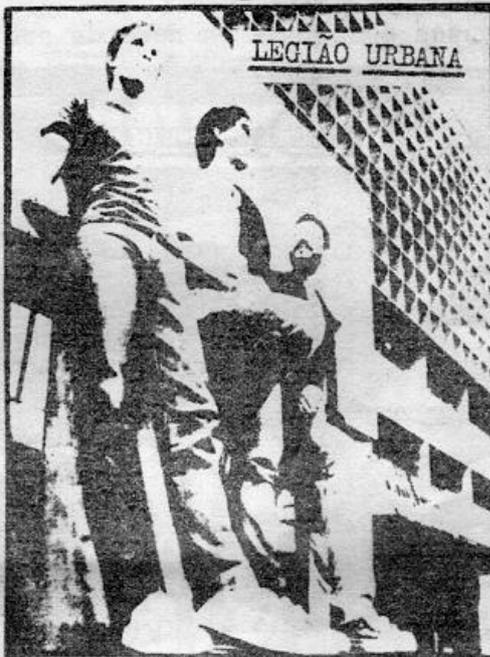


3
BRASÍLIA, REVOLUÇÃO NO CERRADO !?!?...

Todo mundo sabe que Brasília é a capital brasileira do tédio, da repressão, e o que é pior, do poder político. É ainda, a cidade do Brasil onde está o maior consumo de drogas, onde se observa o maior número de suicídios e além disso o custo de vida mais alto do país.

É desta cidade, muito bonita, mas extremamente fria e inescrupulosa, onde quase todos estão de passagem, que surge em 77 um grupo de jovens com ideias diferentes. Diferente?

- é estranho, mas em Brasília, muitas vezes, é mais fácil você obter informações que venham de fora do país, do que as que circulam no eixo Rio - S. Paulo.



Voltando a 77, época que a moda discoteca tomou de assalto a cidade, um pessoal que já não foi muito com a cara da tal 'de 'disco-music', começou a se organizar e surgiu então o ABORTO ELÉTRICO e o BLITX (dizem as 'más línguas', as primeiras bandas

Punks do Brasil). Quando quase ninguém tinha ouvido falar em Punk, o ABORTO, influenciado por Pistols, Clash, Hot Rods, etc, já fazia o Hardcore mais autêntico do Brasil (segundo Herman Jr do Mistura Moderna) Foi nessa época

também que começaram a aparecer as outras bandas, que como o ABORTO tocavam em qualquer lugar onde se conseguisse uma tomada. Essas bandas foram: BLITZ 64 - que junto com BLITX e BLITZ eram a

4
mesma banda, e por causa da banda "new wave" do Rio trocou de no
me e virou X X X, que acabou há pouco tempo, mas seus membros já
estão formando outra banda -, VIGARISTAS DE STAMBUL (onde tocavam
2 iugoslavos, filhos do embaixador desse país), BAMBINO E OS MAR-
GINAIS, DADO E O REINO ANIMAL, METRALHAZ, que hoje já acabaram, '
mas formaram a maior parte das bandas hoje existentes.

O ponto alto para as bandas de BSB, foi em abril de
82, que aconteceu um festival com 4 bandas (PLEBE RUDE, X X X, LE
GIÃO URBANA e CAPITAL INICIAL) no teatro da ABO com publicidade '
em jornal e tudo mais, foi ótimo. Aliás, um problema que acontece
muito por aqui é a falta de apoio oficial e mesmo particular, sem
contar que muitas vezes o carinho da mesa de som ainda teima em '



não nos dar '
crédito.

Um espaço
que nós já ti-
vemos aqui que
funcionava co
mo a fábrica '
do som de S.P.,
foi a ciclovia
do lago norte,
onde todos que
quisessem tocar
podiam ficar a

vontade e mostrar seu trabalho no último domingo de cada mês. Mas
só prá não fugir a regra, o governo retirou a verba, alegando que
não era um bom empreendimento (será que não é bom investir em cul-
tura neste país?!).

5

O que acontece hoje é um pouco diferente do que acontecia em 78. Os acampamentos já não são tão frequentes, a união já não é tão grande (ainda existe, mas em menor escala), em compensação existe muito mais gente participando e a disputa entre as bandas já não é tão braba como era entre BLITX e ABORTO ELÉTRICO. As bandas até cerca de um mês atrás ensaiavam (4 delas) na mesma sala, num sistema mais ou menos comunitário. Mas o contrato acabou e nós saímos de lá por causa de problemas, com vizinhos reclamando de barulho - é estranho que num edifício que seria destinado a coisas ligadas à rádio e TV (Brasília Rádio Center) nesta cidade "tão bem planejada", dentistas e psicólogos (que ali) reclamem do barulho que as bandas fazem, isso porque 99% das bandas ensaia depois das 18:00 hs. Uma diferença que se pode notar em Brasília com relação a outros lugares, é a falta de preconceito tratando de música, ou seja, o que o pessoal ouve e o que influencia as bandas são: DEAD KENNEDYS, CLASH, DAMNED, PIL, BAUHAUS, THE CURE, POLIJOKE, CE, DEVO, JOY DIVISION, KILLING JOKE, MADNESS, U2, TALKING HEADS, e uma centena de outras bandas Punks, New Waves, ROCKABILIES, SKA, etc. E o pessoal das bandas daqui está sempre comentando: "Se você tem um tempinho e não sabe o que fazer, forme uma banda, faça música. Se você quer entrar para a turma, ótimo, se você quer formar uma turma, melhor ainda, o importante é



5- Zine: Veganismo

VEGANISMO



Ideias
Receitas
Anticapitalismo

O que é Veganismo?

Veganismo é uma palavra que foi criada para diferenciar o *Vegetarianismo Estrito*, dieta contínua em que não se consome nada de origem animal, do *Ovo-Lacto-Vegetarianismo*, dieta em que não se consome carnes animais porém se utiliza de leite, ovos e outros derivados de animais. Também pode ser um hábito de vida no qual não se utiliza nenhum produto de origem animal para além da alimentação, como em vestimenta – couros, peles – e remédios ou cosméticos que contenham derivados de animais em sua composição ou usaram animais para testes.

Mas o que pode ser o Veganismo em uma sociedade capitalista, como a em que vivemos?



O capitalismo, como sabemos, tenta se apropriar de muitas coisas que tem potencial para ir a seu contrário. Na alimentação é onde percebemos como essa apropriação se faz presente. Um exemplo pode ser os vegetais orgânicos e não-transgênicos: infelizmente, para tem uma rotina de vida urbana, decidir por uma alimentação sem venenos não é uma escolha fácil – é para quem pode pagar, não para quem quer. E o Veganismo vem tomando esse caminho.



Alimentos sem ingredientes de origem animal cada vez mais estão presentes em lugares onde não se costumavam encontrá-los, como em supermercados, lanchonetes comerciais ou grandes eventos com o tema. E a surpresa é que uma alternativa que, via de regra, é mais barata que a convencional, se torna o dobro ou triplo mais caro. Como exemplos podemos citar os leites de soja em caixinha, carnes vegetais e salsichas em latinha, queijos e requeijões sintéticos, cosméticos *Cruelty Free* (Livre de Crueldade em inglês) e a lista só aumenta. Por um lado, é interessante a popularização do vegetarianismo e do veganismo, além do mais, é muito sedutor comer algo que durante anos você, amarrada pela barriga com a culinária, não podia comer.

O lado triste da história – como muito na história do capitalismo – é que os produtos “gourmet” não são pra todos os bicos. E assim, se gera uma exclusão em algo que tem potencial para parte da quebra da lógica de relações de poder, de consumismo e de exploração animal não-humana e humana.

Para retomar um veganismo crítico à lógica consumista - onde tudo é uma mercadoria inacessível para muita gente - podemos questionar as relações entre consumo, produção e exploração, ter a autonomia de fazer o próprio alimento, trocar e reciclar roupas e calçados, testar e criar alternativas aos produtos de higiene, etc. E isso, como muitas coisas da vida só se aprende tentando e fazendo.

Assim, podemos pensar em alternativas fáceis e baratas para contribuir contra a exploração animal não-humana e humana!



Receitas

Leite de Aveia

- 1 xícara de aveia em flocos ou farinha de aveia
- 2 xícaras de água

Deixar a aveia em flocos de molho na água por no mínimo 30 minutos (ou do dia para o outro).

Bater no liquidificador a aveia com a água do molho até desfazer totalmente e coar. Se usar a farinha de aveia é só bater no liquidificador.

Contém Glúten.

Condensado de Aveia

- 1 xícara de açúcar (de preferência cristal)
- ½ xícara de água fervente
- ¾ de xícara de aveia em flocos ou farinha de aveia

Bater no liquidificador a água e o açúcar, depois juntar a aveia e bater bem. Deixar na geladeira por algumas horas antes de usar em brigadeiros, coberturas e outros doces. Contém Glúten.

Bolo de Chocolate

- 1 xícara e meia de farinha de trigo
- ½ xícara de cacau em pó
- ½ xícara de achocolatado em pó (ler os ingredientes na embalagem para ver se não tem leite)
- 1 xícara de açúcar (mascavo ou branco)
- ½ xícara de óleo
- ½ xícara de água
- ¾ de xícara de leite vegetal
- 1 colher de sopa de fermento em pó
- Opcionais: 3 colheres de sopa de Chia ou Linhaça, sementes de Girassol ou Amendoim.

Misturar os ingredientes secos, depois os molhados e por último o fermento. Colocar a massa em forma média untada e enfarinhada e assar em forno médio por 25 a 30 minutos.

Kibe de Feijão Fradinho

- 3 xícaras de trigo para kibe
- 1 xícara de feijão fradinho (ou qualquer outro grão, como lentilha, ervilha, grão de bico, etc)
- ½ xícara de aveia em flocos
- Temperos a gosto: Hortelã, Limão, Cebola, Alho, Zattar, etc.

Colocar o trigo para kibe em uma bacia e cobrir com água fervente para hidratar. Aguardar alguns minutos. Juntar o feijão fradinho cozido e amassado com o garfo e os temperos, misturando até formar a massa. Colocar em uma assadeira ou moldar. Pode ser assado ou frito.

Mandiokejo

- 3 xícaras de purê de mandioca (cozida e amassada no garfo)
- 2 xícaras da água do cozimento da mandioca
- 1 xícara de polvilho azedo
- 1 xícara de polvilho doce
- ½ xícara de azeite
- 1 colher de chá de sal
- Suco de meio limão
- Opcional: Orégano, manjeriço ou outras ervas

Bater no liquidificador a água do cozimento, os polvilhos, sal, azeite e por último colocar o purê de mandioca, batendo até ficar uma pasta. Colocar a mistura em uma panela e cozinhar fogo médio, mexendo por mais ou menos 8 minutos, sem deixar ferver. Colocar em um pote e deixar na geladeira para endurecer. Pode ser usado como recheio em pizzas, lanches, lasanhas, pastéis, etc.

Aveionese

- 1 xícara de leite de aveia
- 2 batatas médias cozidas
- 1 cenoura média cozida
- ½ xícara de azeite
- 1 colher de chá de sal
- Opcional: Temperos como orégano, alho, etc.

Bater bem tudo no liquidificador até formar um creme. Colocar em um pote e guardar em geladeira.

Desodorante

- 1/3 de xícara de óleo de coco
- 1/3 de xícara de polvilho doce
- 2 colheres de sopa de bicarbonato de sódio

Misturar bem todos os ingredientes até ficar homogêneo e guardar em um potinho tampado. Usar como um desodorante comum, com a vantagem que esse vai deixar o corpo transpirar sem acumular toxinas.

* O bicarbonato de sódio pode ser usado sozinho como desodorante, é só umedecer os dedos e passar no pó. Também pode ser usado para substituir xampu e pasta de dentes.

Vinagre

O Vinagre pode ser usado para limpeza de banheiro, na cozinha e o vinagre branco também na lavagem de roupas - se misturar com o bicarbonato de sódio também tira manchas. Usar vinagre no lugar de cloro ou outros desinfetantes não agride a água em que vai ser despejado, além de não ser testado em animais.

Muitas outras alternativas podem ser feitas.

A curiosidade e a iniciativa são nossas aliadas contra o bombardeio de produtos industrializados.
Troque ideias e experiências!

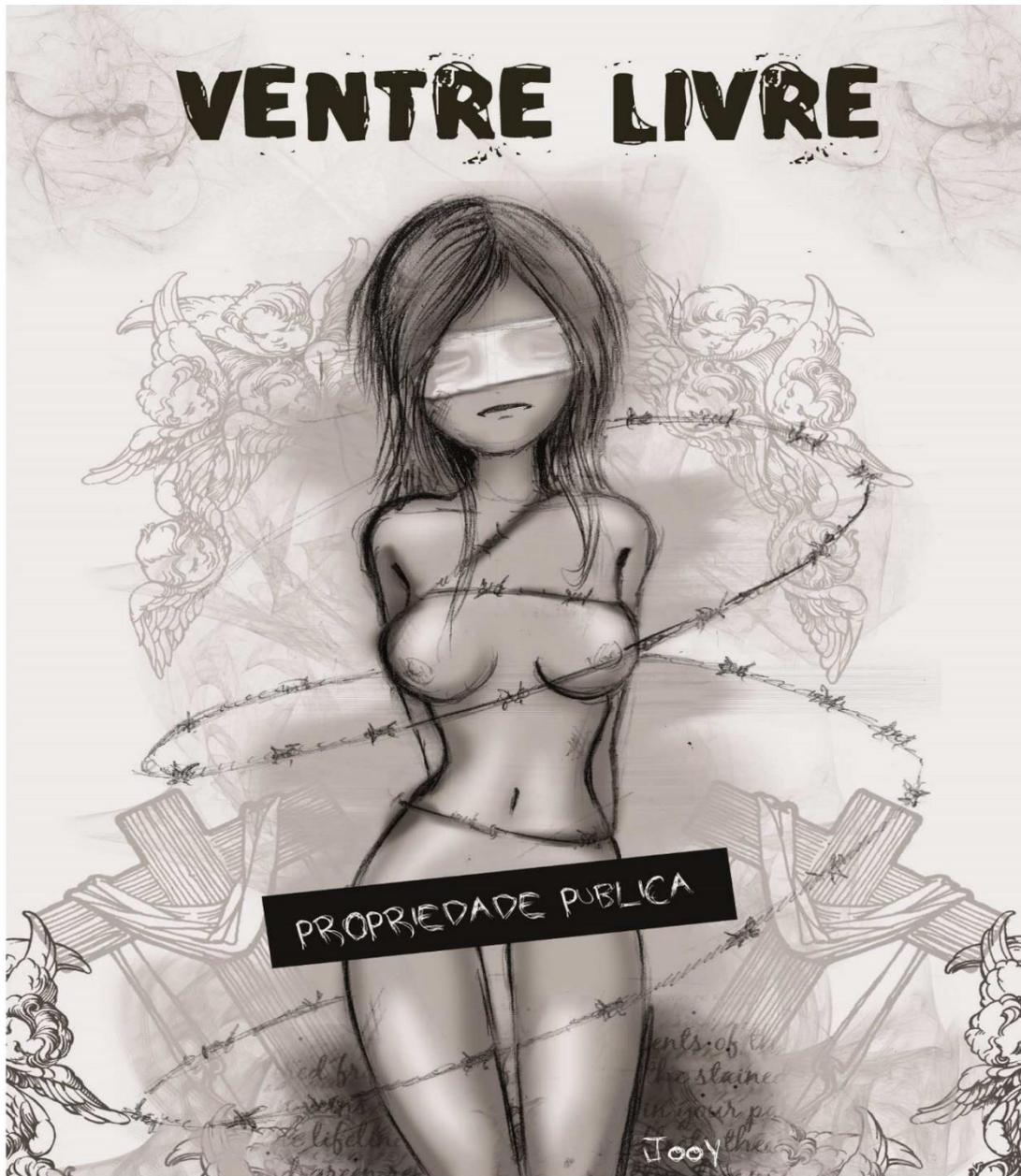


**“Não queremos jaulas maiores.
Queremos jaulas vazias.”**



**leiaelute@riseup.net
Copie e difunda!**

6- Zine: Ventre Livre



Ventre Livre

Edição # 01

VOCÊ SE ALIMENTA DA MORTE?

Especismo, a perversão mental que aflige a maioria das pessoas, levando-os a ver-se como superior a todas as outras espécies, é um dos mais flagrante e condenável de exploração de todas as ideologias humanas. No entanto, continua a ser "socialmente aceitável". Indissolúvelmente ligada com a crença na supremacia burguesa do lucro e da propriedade sobre a vida, especismo revela a ferocidade e a grotesca face do capitalismo selvagem. Animais capitalistas de exploração de todas as faixas, incluindo fazendeiros, pesquisadores biomédicos, processadores de carne, os produtores de ovos, restaurantes fast food, e sua laia gastam bilhões cada ano, para garantir que tanto a lei e aqueles que consomem seus produtos continuam a ver não animais como propriedade humana, digna, mas fazendo a sociedade entender que simplesmente não passam de seres que não falam, nem sentem dor (por isso porque não submetê-los a crueldade?). A luta pelos direitos dos animais, para a libertação animal, não se trata de ganhar alguma coisa por nós mesmos. O coração dos direitos dos animais não é sobre poder, política ou dinheiro. Não se trata de exercer o controle, violência ou superioridade. Não é certamente o que as pessoas pensam de nós. Esta luta em nome dos animais não-humanos é sobre amor e compaixão e que vivem em uma forma que seja justa e pacífica e sem contradições. É sobre a abertura de nossos olhos e corações para a possibilidade de um mundo novo e melhor, novo e melhor não só para os animais não-humanos neste planeta, mas também para nós. Existe um mundo melhor, menos violento, mais amoroso e pacífico lá fora, e nós estamos apenas tentando chegar a ele. E talvez essa seja uma possibilidade e uma meta a pena considerar e investigar em vez de atacar e de oprimir quem por sua vez não tem como defender-se.

GO VEGAN!

Cozinha...

E pra quem pensa que Vegetariano só come alface, eis algumas receitas que vão fazer essas mentes vazias mudarem de idéia. Testei e aprovei todas elas, fáceis de fazer e é claro, bem saborosas e o melhor de tudo “não tem sangue”. Então, façam em casa e me convidem. Vegetarianos

1-ASSADO DE SOJA E CARNE VEGETAL **INGREDIENTES:**

- 1 lata de carne vegetal
- 2 xícaras de feijão de soja cozido
- 2 dentes de alho esmagados
- 1 cebola grande bem picada
- 2 tomates picados
- 1 xícara de molho de tomate
- 1 pimentão picado

- 2 xícaras de aveia
- 2 colheres de óleo
- 12 azeitonas picadas
- Sal
- Cebolinha
- Orégano

MODO DE PREPARO:

- Misturar tudo e assar em forma untada, em forno quente.

2- VIRADINHO DE VAGEM **INGREDIENTES:**

- 250 gr. de vagem picada
- 1 colher (sopa) de margarina
- 1 cebola picada
- 1 copo de germen de trigo

MODO DE PREPARO:

- Doure a cebola na manteiga, junte as vagens.
- Mantenha o fogo bem baixo e a panela tampada.
- Coloque aos poucos o germen, até obter a consistência de um virado.
- Sirva quente.

3- VITAMINA DE AÇAI COM BANANA **INGREDIENTES:**

- 300 gr. de polpa de açaí
- 2 bananas nanicas
- Mel para adoçar (opcional)

MODO DE PREPARO:

- Bater todos os ingredientes no liquidificador.

4-SALADA DE SOJA **INGREDIENTES:**

- 2 xícaras de chá de grãos de soja cozidos
- 3 tomates sem sementes picados

- 1 pimentão verde picado
- 1 pimentão vermelho picado
- 2 cebolas médias picadas
- Cheiro verde, sal, azeite de oliva e suco de limão (a gosto)

MODO DE PREPARO:

- Cozinhar os grãos.
- Deixar esfriar e misturá-los com todo

os ingredientes.

- Levar à geladeira e servir quando estiver bem fria.

5- SOPA DE COUVE-FLOR E FEIJÃO**INGREDIENTES:**

- 10 ml. (2 colheres de chá) de azeite
- 1 dente de alho
- 1 cebola picada
- 10 ml. (2 colheres de chá) de semente de erva-doce
- 1 couve-flor cortadas em floretes pequenos
- 2 latas de feijão branco
- 1200 ml. de caldo de legumes
- Sal a gosto
- Salsinha fresca para picada para guarnição
- Fatias de torradas e pão para servir

MODO DE PREPARO:

- Esquentar o azeite.
- Adicione o alho, e cebola e as sementes de erva-doce e cozinhe levemente por 5 minutos ou até a cebola amolecer.
- Adicione a couve-flor, metade dos feijões e todo o caldo ou água.
- Coloque para ferver.
- Abaixar o fogo e ferva em fogo baixo por 10 minutos ou até a couve flor amolecer.
- Coloque a sopa em um liquidificador e bata até ficar mais fina.
- Acrescente o restante dos feijões e tempere a gosto.
- Requite e coloque nos pratos.
- Salpique com salsinha fresca picada e sirva com fatias tostadas de pão francês.

6-SALADA DE SOJA**INGREDIENTES:**

- 2 xícaras de chá de grãos de soja cozidos
- 3 tomates sem sementes picados
- 1 pimentão verde picado
- 1 pimentão vermelho picado
- 2 cebolas médias picadas

- Cheiro verde, sal, azeite de oliva e suco de limão (a gosto)

MODO DE PREPARO:

- Cozinhar os grãos.
- Deixar esfriar e misturá-los com todo os ingredientes.
- Levar à geladeira e servir quando estiver bem fria.

GO VEGAN!